**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Centro de Artes**

**Curso de Licenciatura em Teatro**

****

Trabalho de Conclusão de Curso

**Impressões:**

o viver teatral

**João Henrique Walker Da Silva**

**Pelotas, 2015**

**João Henrique Walker Da Silva**

**Impressões:**

o viver teatral

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Ney Roberto Váttimo Bruck

Pelotas, 2015

**João Henrique Walker Da Silva**

Impressões: o viver teatral

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro no Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

............................................................................................................................

Prof.Dr.Ney Roberto Váttimo Bruck (orientador)

............................................................................................................................

Profª. Drª. Fernanda Vieira Fernandes

............................................................................................................................

Profª Drª. Carla Gonçalves

**Dedico este trabalho aos meus pais, avós, irmãos, sobrinhos, professores e ao meu orientador.**

**Agradecimentos**

Aos meus professores, por me desafiarem a ir além do que imaginava que poderia ir, por questionarem minha pretensa energia proposta à busca de reflexão e aquisição de conhecimento.

Aos meus irmãos, pela paciência e calma diante de minhas inúmeras crises diante da maneira como o curso me tocou e me transformou.

Aos meus pais, por estarem perto de mim em cada momento de dificuldade, amparando-me e incentivando-me a ter autonomia, e pelo carinho e atenção em não me deixar desistir nos momentos de fraqueza.

Ao meu orientador, por me inspirar ao encontro do saber que me modificou.

Aos meus demais familiares, pelo apoio nesta feliz caminhada.

E a Deus, por me conceder o privilégio de todas as experiências vividas.

Muito Obrigado.

*A harmonia secreta da Desarmonia: quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas piruetas - escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio.*

*(LISPECTOR, 1998, p.12)*

**Resumo**

SILVA, João Henrique Walker da. **Impressões:** o viver teatral. 2015. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

*Impressões: o viver teatral* apresenta o relato de experiências vivenciadas no curso de Ensino Superior de Licenciatura em Teatro. Por meio de vários eventos, pudemos nos expressar antes mesmo de compreender o que realmente teria se passado. E ao longo do tempo - acompanhados do silêncio e da meditação - conseguimos ter uma boa leitura de tais experiências. O objetivo deste trabalho é estudar o que se dá no silêncio; e sua construção está calcada em leituras de textos antigos referentes ao conceito de belo a partir da visão filosófica; na teoria da Hierarquia das Necessidades de Maslow; na psicologia social e estudos sobre cartografia; e em pensamentos do autor sobre suas práticas e construções de textos poéticos. O presente estudo tem forte teor empírico, em que discussões científicas vêm acompanhadas de conhecimentos de mundo, deste modo, o autor é transformado em objeto de pesquisa e suas observações e sensações são traduzidas em palavras. Há que se dizer, ainda, que no estudo dessas experiências foi gerado grande sentimento de esperança em relação aos alunos e futuros alunos deste curso, e o desenvolvimento de sua relação com o universo do teatro, bem como imensa expectativa diante de cada indivíduo envolvido nessas vivências dos grupos teatrais. Como resultado, percebemos um grande embate que ainda há de ocorrer para que, cada vez mais, seja construída, no Brasil, uma educação teatral digna e de respeito.

**Palavras-chave:** impressões; viver teatral; vivências; teatro; grupos teatrais; administração; escola.

**Abstract**

SILVA, João Henrique Walker da. **Impressions**: the Theatrical Living. 2015. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

*Impressions: the Theatrical Living* presents sensations experienced as an undergraduate student of the BA theater course. Through many events we ended up expressing ourselves even before understanding what really could have happened and only through time, accompanied by silence and meditation, we could manage to have a good reading of experiences lived as students. This study aims at searching for the silence. The construction of this study is based on: reading old texts referring to the concept of beauty from the philology point of view, Hierarchy of necessity theory by Maslow, social psychology and studies about cartography; the author’s thoughts about experiences and construction of poetic texts. This study has strong empiric content, scientific discussions and also mundane experiences. The author is transformed into the object of research and his observations and sensations are translated into words. There is a great hope in relation to students, future students and the development of their relation with the theatrical universe, as well as huge expectation of each individual who has experienced these events through theatrical groups together with the author. As a result, it is obtained the perception of a great collision, still to come, increasingly, so can be forged in Brazil a theatrical education worthy of respect.

**Keywords:** impressions; live theatre; experiences; theater; theater groups; manage; school.

**SUMÁRIO**

|  |  |
| --- | --- |
| **1. Deixa-me brincar também ou Brincadeira..., dê! Criança! ...........................**  **2. Pensando sobre o belo na arte ......................................................................**   * 1. **Nem tão ao oito, nem tão ao oitenta ............................................................**   **3. Pensando sobre relações no teatro – Discursos atraentes ........................**  **3.1 Um pouquinho de Maslow ............................................................................**  **3.2 A obscuridade da luz sob a arte ou Estás aprontando o quê guri? Ou que lorota é essa?................................................................................................**  **4. Pensando as vivências: As Experiências de Sala de Aula - Contato Inicial ....................................................................................................................**  **4.1 Meu início .......................................................................................................**  **4.2 Resultado 1 ....................................................................................................**  **4.3 Onde tudo começou ......................................................................................**  **4.4 Quando o buraco é mais embaixo!...............................................................**  **4.5 Resultado 2.....................................................................................................**  **4.6 CAPS: ORGANISMO SOCIAL?......................................................................**  **4.7 Mais Bagunça.................................................................................................**  **5. Pensando sobre eu .........................................................................................**  **5.1 Ode à Pureza ..................................................................................................**  **5.2 O Distanciamento Próximo ...........................................................................**  **5.3 Um pouco mais sobre mim ...........................................................................**  **6.Considerações finais........................................................................................**  **Referências ..........................................................................................................**  **Apêndice ..............................................................................................................** | **10**  **11**  **11**  **16**  **16**  **25**  **35**  **37**  **39**  **40**  **41**  **46**  **47**  **51**  **53**  **53**  **56**  **59**  **65**  **71**  **74** |

1. **Deixa-me brincar também ou Brincadeira... dê! Criança!**

Deixa-me brincar de dizer que sou poderoso. Deixa-me brincar de dizer que estudando se resolve tudo. Deixa-me brincar de dizer que tenho dinheiro. Deixa-me brincar de andar com roupa nova. Deixa-me brincar de dizer que tenho amigos. Deixa-me brincar de dizer que tenho namorada. Deixa-me brincar de dizer que tenho filhos. Deixa-me brincar de dizer que sou livre. Deixa-me brincar de dizer que eu sei o que estou fazendo. Deixa-me brincar de dizer que estou estudando. Deixa-me brincar de dizer que resolvo algo. Deixa-me brincar de dizer que sou inteligente. Deixa-me brincar de dizer que sou forte. Deixa-me brincar de dizer que sou sábio. Deixa-me brincar de dizer que me adoram. Deixa-me brincar de dizer que estou pronto. Deixa-me brincar de dizer que morrerei velho. Deixa-me brincar de dizer que não entendo. Deixa-me brincar de dizer que sou inseguro. Contratem alguém para dizer que me ama. Ou que me amam. Não precisa ser de verdade, pode ser para uma câmera ou plateia. Mesmo que eu saiba que no final do trabalho ele ou ela voltem para sua verdadeira companhia, namorado(a), esposo(a) ou alma-gêmea. Deixe-me também conhecê-lo(a). Respeitá-lo(a). Obedecê-lo(a). Deixe que brinquem comigo também, me fazendo acreditar que sou especial. Deixa-me aprender a ver que este não brinca. Que só trabalha. Que acerta em tudo. Que tem amigos. Que todos o(a) temem. Que ninguém fala dele(a). Que todos respeitam. Que todos sentem sua falta. Que este(a) não tem nenhum problema. Que é saudável. Que é jovem. Que ganha muito. Deixem-me perceber que este(a) não perde tempo com as brincadeiras de criança, estas que sua companhia chama de trabalho. Deixa-me brincar de dizer: “Não bata em seu coleguinha!”. Deixe que eu, sem tanta força, perca meu pobre amiguinho de brincadeiras! Parece que ele se meteu com gente que não brinca. Com gente mais forte que a gente! Ah! Estes não sabem brincar! Fujamos todos! Catemos nossas migalhas. Deixa-me brincar de dizer que venci! Que sou vitorioso! Enquanto, sem querer, faço todas as brincadeiras como mandam e sempre fico a admirar os novos contratados, agraciados de suas inacreditáveis companhias! “Sejamos realistas! Peçamos o impossível!”

**2. Pensando sobre o belo na arte**

* 1. **Nem tão ao oito, nem tão ao oitenta**

Há espaço para o belo no teatro hoje em dia?

Livremente, seguem as memórias sobre o tema a partir de um caderno de anotações. Sim, acreditamos que há muito espaço para o belo. O belo ainda é aquilo que os filósofos entendiam quando se estudava estética fundida com a lógica e a ética. Lembremos, portanto, de Platão, Aristóteles e Plotino. O belo, o bom, o verdadeiro, o justo e a verdade formavam a idealização de uma existência que era forjada no campo das ideias. A essência do belo seria alcançada quando a identificássemos com aquilo que, de certo modo, nos traria prazer, tendo em conta os valores morais.

Na Idade Média, surgiu a intenção de estudar a estética, independentemente de outros ramos filosóficos. Logo após ser reconhecida como teoria, esta acabou tornando-se uma ciência normativa às custas da lógica e da moral. Os valores morais alicerçados como ideais ao Homem surgiram centrados em julgamentos que enunciariam as normas do que seria o Belo. E os adjetivos mencionados enunciariam a perfeição. A estética procurou, também, ser encontrada dentro de uma espécie de metafísica do belo, buscando assim desvendar as fontes de todas as belezas que se encontrassem no campo do sensível. Esta ciência que propõe o conceito do que é belo acabou tornando-se filosofia da arte.

Percebemos que, com o passar dos anos, a busca por esta poética, este conjunto de preceitos da arte na própria ação criadora – estética - colocou-nos como seres presos a conceitos ultrapassados. Sendo assim, ao mesmo tempo em que nos colocamos à reflexão, também traçamos nosso caminho baseado nas evoluções dogmáticas da humanidade e, talvez, vítimas de nossa realidade social, do meio que nos cerca, pois, hoje, poucos chegam a conhecer o que é trabalhar com conceitos eruditos.

Será que podemos compreender aqueles pensadores que vieram antes de nós? Nestas tentativas de releitura, considerando os textos analisados nas aulas, talvez possamos esclarecer um pouco mais o pensamento de Platão em compreender o que é Belo em si. Neste sentido, como sugere Silva (1995):

em Platão, a ideia do belo é geralmente associada à ideia da realização de uma ordem onde devem reinar a medida, a proporção, a adequação e a harmonia. O Belo é a manifestação evidente (que é visível) das ideias perfeitas, e a arte é a imitação das coisas sensíveis ou dos eventos que se desenvolvem no mundo sensível; é um “reproduzir”, ou seja, imitar ou produzir novamente o que já existe. O valor supremo do belo está no mundo das ideias, portanto, está vinculado a um valor ontológico: a busca ideal da perfeição é o desenvolvimento da virtude maior. A arte, por sua vez, se expressa pela imitação (mímesis), por isso não permite chegar à verdadeira realidade, pois permanece na aparência, na imitação do objeto que está no mundo, sendo este já uma cópia, e não na ideia do objeto em si. A arte, para tornar-se uma atividade superior, deve buscar a perfeição, buscar o belo, a harmonia.

Pensar se há espaço para o belo no teatro é como ir almoçar na casa de alguém e perguntar se vão fazer o seu prato predileto. Não parece um medo de se jogar a novos gostos? E quando tratamos de teatro, não será também comodidade? Essa referência seria como uma personagem antagonista, daquelas que pretendem procurar o significado de beleza em livros empoeirados de filosofia em alguma biblioteca pública. Por mais que os filósofos clássicos e nós mesmos - alunos de teatro – compreendamos de fato o significado de tal palavra (Belo), devemos entregar quantas peças reconhecidas como belas a nossos espectadores? O certo, na criação artística, será seguir sempre as regras desde sempre propostas, isto é, fazer sempre a chamada “peça bem feita”, reconhecida como ideal de belo? No mundo contemporâneo, com tantos autores, quanto tempo ainda devemos reprimir nosso gosto pela transgressão?Ou gosto pela inovação? Pela profundidade ainda não reconhecida?

Mas o que é entregar-se a algo de que gosta muito?Preferimos esperar sempre pela mesma coisa, ou gostaríamos de variar? Será que, reconhecendo o belo de maneira concreta, ainda podemos nos surpreender? Ou a busca por uma nova leitura de Beleza é um agravante diante de nossa impossibilidade de ver a mesma coisa de maneira nova? Será que na nossa tentativa de ver as coisas sempre como deveriam continuar a ser, falhamos por procurar inovar? Ou não conseguimos chegar mais ao que sempre deveria ser reconhecido como o mesmo?

Quando queremos o que já conhecemos estamos promovendo o exercício de felicitarmo-nos com o conhecido. Reconhecer seu valor. Quando procuramos o que ainda não conhecemos, em um primeiro momento vemo-nos surpresos, mas, logo após, aceitamos. Podemos ter orgulhoso de nossa ousadia e passamos a aumentar nosso campo de experiência, percebemos novos matizes em nossos sentidos. Resta-nos observar se, de fato, somos merecedores deste ou se este novo não agride o limiar de harmonia do meio em que vivemos ou daquilo que já foi criado por nós. Há espaço para o belo, assim como há espaço para desvendarmos outras qualidades de tudo aquilo que criamos e que acreditamos ser útil para a relação com o meio em que é apresentado.

A relatividade de, no teatro, querermos ver as mesmas coisas faz com que desejemos vê-las de modo diferente, surgindo, assim, diferenciadas poéticas, narrativas e outras descobertas cênicas que são criadas ao ar da familiaridade. Não é comodidade apreciarmos peças organizadas poeticamente de maneira familiar. Peças, quando bem escritas, suscitam aos que assistem teatro, frequentemente, o prazer em ver uma boa história.Aqueles que assistem tentam buscar a essência daqueles que fazem teatro e tentam, mais ainda, acertar à medida que ambos saem tocados pelas descobertas, pelos desenlaces da obra. Comodidade pode haver quando tentamos expor novas indagações, novas narrativas, quando não estamos ainda cônscios das partes que a compõem e nos perdemos na condução do que o espectador sente ou deveria sentir ao fim do espetáculo, não reconhecemos ou não refletimos sobre aquilo que já é apresentado a nós como bom.

A discordância com aqueles que procuram a importância e o significado do que é belo em livros empoeirados está na crença de que o belo pode ser transformado, ser visto com outros olhos. Este, talvez, seja o desafio eterno das gerações que ditam determinada época. Aí estaria uma das chaves da importância do belo e por que precisamos vê-lo em cena. É urgente que emane uma diversidade de formas ou pontos de vista, mesmo que continuemos a tentar respeitar a verdade que já nos foi apresentada pelos mais diversos estudiosos, cientistas, filósofos de nossa época, além daqueles que vieram antes de nós.

Se for antagônica, é porque devemos tentar incrustar em nossas mentes a importância do belo e seu significado para nós e o universo acadêmico, sendo que tais opiniões podem divergir umas das outras. Muito importante crermos em nossa opinião e entendermos os que vieram antes de nós, tanto no senso comum quanto no campo das ideias. Há de chegar o dia em que alcançaremos o caminho onde nos encontremos comungando da mesma ideia, reconhecendo diferenças e vendo beleza em cada espetáculo.

Sem dúvidas, devemos o devido respeito aos tradicionais estudiosos e filósofos, que muito contribuíram para o desenvolvimento da sociedade e que hoje são reconhecidos como grandes pilares de nossa evolução. Devemos atenção em tentarmos nunca esquecê-los e sempre tentarmos administrar uma maneira de criar espetáculos que obedeçam às regras e formatos já estipulados,e de sempre pensarmos muito bem quando quisermos reinventar o teatro e a maneira como ele deve ser feito. Com toda a qualidade de nosso ensino e professores, mesmo antes de formados, já tivemos muitas peças tidas como belas para aqueles que assistem teatro. Precisamos mostrar, também, aos que vieram depois de nós, as ideias de Artes Cênicas e seus espetáculos sob a perspectiva daqueles estudiosos que nos antecederam. Porque imitar também é aprender, se for acompanhado de reflexão consciente.

Compreendemos que nos dias atuais existe uma grande variedade de pensamentos e teorias sobre o belo e a importância deste que devem ser postas em questão. Refletimos sobre essa variabilidade, pois que nos atiça, desafia-nos a tentar compreender alguns dogmas ou algumas partes que compõem a arte de maneira diferente. Esta maneira de ver deve ser apresentada de forma pensada ao que nossa civilização já conquistou nos diálogos sobre o fazer teatral. São as nossas vitórias, nossos diálogos comungando com a diversidade que é ser humano. E relação aos pensamentos dos filósofos, a dúvida é: quanto ainda temos que estudar e entender para emitirmos nossas conceituações e opiniões sobre o que é ser verdadeiro. Encontramo-nos na grande angústia que muitas vezes separa grupos de pessoas: estamos preparados para absorver o mundo distante do que devemos aprender a conceber?Tememos pela desordem que pode ser constituída quando pretendemos tentar dar outros sentidos à verdade. Será isso possível? Existem outras verdades? Fugirmos de nossas conquistas? Verdades intelectuais nos aproximam do progresso ou da perdição?

Talvez haja muito mais que espaço para o belo no teatro. Que vejamos o belo no teatro toda vez que houver uma dramaturgia bem elaborada, de preferência que demonstre estar comprometida com uma poética. Quando respeita, principalmente, o esforço feito pelos pensadores de fazer existirem as variadas poéticas atuais. Estes “tratados” que alguns intelectuais criaram para observar uma forma que antecede a elaboração de um texto dramatúrgico, podendo assim apresentar o que seria considerado bom e belo. Pensemos na expressão “peça bem feita”, esta poderia ser considerada um ideal de belo no teatro. Precisamos estar atentos de todas as maneiras para poder observar o que constitui uma boa peça, isto quando tentamos buscar a erudição e quando tentamos elaborar uma opinião pessoal. Buscamos a observação minuciosa para captarmos o que há de comum entre espetáculo belo e outro, por mais diferentes que todos os espetáculos sejam sempre há de haver pontos em comum.

Transgressão deve existir no processo de elaboração de peças dramáticas, da construção de teatro, quando conseguimos construir uma plateia inteligente, que compreenda as nuances da elaboração de um espetáculo. Vejamos o quão interessante será quando conseguirmos mudar o conceito de belo através de um olhar mais atento ao que idealizamos e construímos intelectualmente como belo no passar dos séculos. De imensa satisfação será quando conseguimos apresentar uma ideia com qualidade diferente do que já observamos e que esta nos toque tanto quanto já nos tocou em outros exercícios, espetáculos e variados tipos de trabalhos. Isto deve ser usado, muitas vezes, como válvula de escape, quando não nos vemos pressionados a compreender e executar verdadeiramente um espetáculo, quando facilmente encontramos saída imitando aquilo que já existe. Devemos sempre tentar o desafio nos momentos em que libertamos nossa mente e, através da reflexão, observação e análise, principalmente, que consigamos construir uma nova concepção de belo. E que nos façamos ser ouvidos, tanto o quanto já foram ouvidos os grandes intelectuais de nossa civilização. Há espaço para o belo que já conhecemos, tentemos encontrar o belo que ainda não conhecemos. Não podemos, também, oprimir por muito tempo o nosso desejo íntimo de sermos reconhecidos por nossa visão de mundo, educada e voltada para a coletividade, promovendo, assim, a diferenciação entre aquilo que já é considerado erudito e aquilo que, com o tempo, vai adquirindo sua forma particular, até chegar a se tornar teoria relevante ao desenvolvimento da consciência.

**3. Pensando sobre relações no Teatro- Discursos atraentes**

* 1. **Um pouco de Maslow[[1]](#footnote-1)**

De tantas leituras durante o Curso, foi inspirador o estudo humanista de Maslow, sobre a "Teoria das Necessidades”, pregando que para o individuo progredir psicologicamente como se é esperado há de se concentrar nas necessidades inferiores, resolvendo estas questões, o indivíduo ascenderá às necessidades mais complexas e, assim, poderá estar mais perto de uma verdadeira autorrealização.

Este estudo, ao lado da visão psicológica, vai ao encontro de um grande teórico do processo educacional na pedagogia do teatro que diz: "Nada a ensinar, nada a aprender, deixar crescer as próprias raízes." Este teórico, Franz Cizek, educador vienense, apontado e considerado o pai da Arte infantil, organizou aulas onde as crianças tinham liberdade para criar (WILSON, 1990, p. 56). Falou isto depois que avistou crianças fazendo desenhos em um muro.

O que vai ao encontro desta defesa é: “O estudo da arte para aqueles que antes de serem avaliados, são pegos por esta surpresa e, portanto praticam a arte antes mesmo de as conhecerem enquanto parte cultural da civilização”. A paixão deve surgir antes de um comprometimento intelectual, antes de uma consciência racional sobre as artes em geral, antes de um ponto de vista articulado com os estudiosos de arte de épocas passadas.

O vislumbrado, aqui, é um trabalho de significação de obras que vão muito mais ao encontro do princípio da arte em nossos corações, em nossas mentes, que seria esteticamente conhecido como o Dadaísmo. A arte em seu começo não precisa ter algum sentido necessariamente, mas há de esperá-lo sem desejar pelo seu significado no futuro, de nossa arte com o passar dos tempos. Portanto, sim, é necessário que antes mesmo de darmos significado àquela arte aparentemente sem sentido, que haja este momento em que é produzida sem mesmo compreendê-la, que o significado de nossa arte venha com o passar dos tempos.

Que sejamos levados a uma desordem "aparentemente organizada" para que colhamos a síntese, a origem geradora de nossas primeiras sensações artísticas. Precisaremos propor o começo de tais sensações, devemos chegar à base do processo artístico que é realizar exercícios variados que irão compor sensações que serão vistas como o princípio pessoal das significações da arte em cada um de nós, em cada um de nossos alunos.

Dentro desta desordem inicial, há o principio da constituição artística significante à experiência do artista. E, no futuro, ponte entre um ser a outro. Aqui, percebemos uma forte relação com Viola Spolin (2005; 2006; 2010) e com Grotowski (1971). Pois até o momento, podemos notar nesses autores o princípio essencial ao desenvolvimento do que há de vir a ser arte em relação aos indivíduos que obtém alguma relação com as obras. Há, em Viola Spolin, a importância do jogo para assim suscitar e desenvolver habilidades que futuramente serão utilizadas no palco. Com Grotowski,podemos compartilhar a visão em criar uma espécie de ator santo que, dominando seu corpo, prazerosamente realiza seu ofício.

Os exercícios de jogos teatrais ainda não são diretamente relacionados com o fazer teatral e sim com o principio que antecede o mesmo: as obras que acabam surgindo através de tais experiências e compõem o trabalho de cada ser. Lembrando Grotowski (1971), por uma atitude relacionada ao desenvolvimento individual de cada ser, a cada personalidade artística, que seria o exercício de uma "Santidade", o caminhar deste na arte que o cerca e ao material bruto, empírico e subjetivo que o compõem, que estaria fortemente relacionado com o desejo libidinal de amar, desejar e realizar o caminho que nos levará a um fim inesperado. Que valorizemos, também, os exercícios baseados no cuidado do nosso organismo de modo a não desgastá-lo. É preciso, após este encontro relativamente impensado, criado pelo próprio desejo do indivíduo em criar arte, que seja sentida a liberdade deste e de suas experiências artísticas. Liberdade que ainda é convidada ao exercitar uma espécie de pré-expressividade, das quais são lembradas com forte significação relativa às primeiras experiências pessoais deste autor, como a máscara neutra e a antropologia teatral. Através destes exercícios, nos são apresentadas formas que constituem de maneira prazerosa e comprometida a exposição da pré-expressividade de nosso "aventureiro artístico". O princípio do grande desafio que é de tornar-se artista cênico e ir tomando consciência ou sendo apresentado a ideias que promovam qualidade de trabalho.

Este nosso começo, ainda inconsistente, e ainda muito inconsciente do artista aliado a sua força de vontade e disponibilidade, convida para que no futuro seja aos poucos encontrado um princípio racional que nos aproxime, nós, artistas, e nossas experiências, com as de nossos colegas. Começaremos, portanto, a encontrar maneiras de nos explicarmos, de nos compreendermos, entre nós, com as discussões que nos foram apresentadas em variadas aulas nas quais éramos observados por nossos professores. É preciso que sejamos, enquanto alunos, convidados a ser desafiados, neste processo que é de nos encontrarmos na arte, neste processo de autoconhecimento, desvelamento.

O começo encontra-se de maneira tal que devemos ter muita paciência, ainda constituídos de muita pureza e ingenuidade, o que faz com que o professor deva criar com seus alunos um amor incondicional, de modo a ampará-los emocionalmente em seu desenvolvimento, de modo a ensinar-lhes a ser humildes, perseverantes e, aos poucos, harmonizando-os prática e intelectualmente em suas conquistas no ramo do teatro. Portanto, o começo encontra-se ainda nesta pureza e ingenuidade iniciais, o amadurecimento provém deste amor incondicional diante do aluno que está a descobrir-se em seu processo, e que será, de tempos em tempos, convidado a conhecer-se mais profundamente diante das técnicas do teatro, será convidado a compreender as teorias existentes, e quando já estiver mais preparada a consciência do seu próprio processo, de sua própria singularidade na arte, surgirá aliada à sua experiência enquanto ser, sua identidade artística.

Observemos o que seria, de maneira mais clara, a "teoria das necessidades de Maslow".

Para Papalia e Olds (2000, p. 78):

A perspectiva humanista desenvolveu-se nas décadas de 50 e 60 em resposta ao que alguns psicólogos identificaram como crenças negativas sobre a natureza humana subjacentes às teorias psicanalíticas e behavioristas. Os psicólogos Humanistas enfatizam o potencial para o desenvolvimento positivo e saudável; características negativas, dizem eles, são resultados de danos infligidos ao indivíduo em desenvolvimento. Diferente dos teóricos de traços (que veem a personalidade como formada no início da idade adulta) ou dos teóricos de crises normativas (que veem as mudanças em função da idade) ou do modelo de regulação por eventos (que veem as pessoas como reatores aos eventos), os psicólogos humanistas enfatizam a capacidade das pessoas, independentemente de idade ou circunstâncias, de assumirem o controle de suas vidas e promoverem seu próprio desenvolvimento por meio das capacidades exclusivamente humanas de escolha, criatividade e autorrealização.

Neste momento, o que é questionado na teoria humanista em relação à pedagogia do ensino no teatro, é que devemos abdicar, nós professores, de observações que denigram, menosprezem, envergonhem, ou que coloquem o aluno à margem de seu próprio desenvolvimento. É necessário que nós, professores, resistamos a comportamentos não aceitos nas variadas fases de desenvolvimento dos alunos e que busquemos sempre tentar mostrá-los suas pequenas vitórias na construção do conhecimento e de suas visões de mundo, construções positivas de suas identidades enquanto estudantes da arte.

Aqui, aproximarmo-nos um pouco mais do humanista Abraham Maslow, que identificou a famosa hierarquia de necessidades. Essa hierarquia de necessidade é uma ordenação das necessidades que motivam o comportamento humano:

Segundo Maslow, somente depois de terem satisfeito as necessidades mais básicas é que as pessoas podem se esforçar para satisfazer necessidades mais elevadas. A necessidade mais básica é a sobrevivência fisiológica. Pessoas famintas correm grandes riscos para conseguir comida; somente depois de obtê-la é que poderão concentrar-se no nível seguinte de necessidades, aquelas referentes à proteção pessoal. Estas necessidades, por sua vez, devem ser significativamente satisfeitas para que as pessoas possam buscar amor e aceitação, estima e realização e finalmente autorrealização, a plena realização do potencial. (PAPALIA e OLDS, 2000, p.408)

Diz Maslow ainda (apud PAPALIA e OLDS, 2000, p.408):

As pessoas autorrealizadas, tem aguda percepção da realidade, aceitam a si mesmas e aos outros e apreciam a natureza. Elas são espontâneas, altamente criativas e autodirigidas, elas são boas na resolução de problemas. Elas se identificam com os outros e estabelecem relacionamentos satisfatórios e produtivos com outras pessoas, mas tem também certo distanciamento, um desejo de privacidade. Eles tem um forte senso de valores e uma estrutura de caráter não autoritária. Elas respondem à experiência com apreciação renovada e rica emoção, e muitos tem o que Maslow chamou de experiências máximas. Diz-se que apenas cerca de uma pessoa em cem atinge este ideal sublime. Ninguém jamais chega a ser completamente autorrealizado. A pessoa saudável esta sempre ascendendo a níveis mais satisfatórios.

Acerca da hierarquização de necessidades e sua relação com as vivências humanas, segue:

Num primeiro momento, a hierarquia de necessidades de Maslow parece ser baseada na experiência humana, mas elas nem sempre são verdadeiras. A história esta repleta de casos de sacrifício próprio, nos quais as pessoas abrem mão do que necessitam para sobreviver para que outra pessoa (um ente querido ou mesmo um estranho) possa viver. (PAPALIA e OLDS, 2000, p.408)

E, no que tange às contribuições e limitações das teorias humanistas, Papalia e Olds (2000, p.408) comentam:

Maslow e outros autores humanistas oferecem modelos otimistas de desenvolvimento que geram esperanças. As teorias humanistas tiveram contribuição valiosa ao promover abordagens, tanto da educação de crianças quanto de auto- aperfeiçoamento de adultos, que respeitam as peculiaridades do indivíduo. Suas limitações enquanto teorias científicas estão muito relacionadas com sua subjetividade; seus conceitos não são claramente definidos e assim são de difícil utilização como fase para a pesquisa. Além disso, a abordagem humanista não se refere claramente ao processo de desenvolvimento. Seus proponentes geralmente fazem uma ampla distinção somente entre infância e idade adulta e não identificam padrões comuns em períodos particulares durante o ciclo de vida.

Abaixo, a pirâmide de Maslow:

Figura 1 – A pirâmide de Maslow

****

Fonte: Pirâmide das Necessidades de Maslow, 2015[[2]](#footnote-2).

De acordo com a hierarquia das necessidades, seu terceiro grau diz respeito às relações sociais, incluídos, desta forma, os relacionamentos íntimos.

Aqui entramos no início das discussões que se referem ao terceiro grau de necessidades de Maslow, que seria a necessidade de pertencer e de amar, que seria afiliar-se aos outros, ser aceito e pertencer. O interessante de tais graus é de fazermos também pequenas relações com as fases de desenvolvimento dos seres humanos, a fase das necessidades fisiológicas como fome, sede, sexo, descanso e assim por diante, tem grande relação com as fases sexuais de Freud, aqui a criança se desenvolve até os cinco anos através das experiências que ela tem com o corpo. Logo após entramos na fase da latência, fase esta em que os comportamentos psicossexuais são trocados pela experiência em atividades coordenadas pelos professores. (apud SCHULTZ e SCHULTZ. p. 208, 212).

E logo após, entramos na grande discussão apresentada anteriormente que são as fases em que nos identificamos entre nossos colegas, que tem grande força na adolescência, porém é relevante dizer que, segundo Erikson (apud SCHULTZ e SCHULTZ. p. 208-212), a verdadeira época em que as relações íntimas são, de fato, muito importantes refere-se ao início da idade adulta, que ocorre perto dos vinte anos. Nesta idade, o que antes poderia ser visto como errado, que seria este processo de identificar-se com os outros e aprender a conviver, cuidando-os e resolvendo ou opinando sobre impressões e necessidades, nesta época,os usos de mecanismos de defesas para significar tais relações não parecem errados.

Mas então qual seria a fase certa de ascendermos na pedagogia do ensino teatral? Quando, cientificamente falando, é a fase em que as pessoas finalmente se preocupam umas com as outras e começam a se abrir? Seria no começo da idade adulta?

É nesta idade que os relacionamentos íntimos e o exercício de mantê-los serão cruciais ao adulto jovem, ou seja, o que exigir teatralmente, portanto a uma criança que aos sete anos aprende a escrever, que lá pelos dezesseis escreve suas primeiras resenhas e, inseguro, pouco sabe de si, mas que muito ainda se procura no outro, e que somente em torno dos trinta anos entenderá o mistério das relações interpessoais, compreendendo a si ao outro e às suas diferenças? O que ensinar sobre o teatro para jovens de vinte anos que entram em um curso de licenciatura em teatro e só começarão a compreender o mistério das relações de maneira harmônica com trinta anos, ou por volta desta idade?

Hoje, é possível compreender que aqueles que estudam teatro possam, talvez, começar a entender o verdadeiro princípio das relações, mas que em quanto outros que se esmeraram em outros conteúdos, o quão importante não serão as aulas de teatro para alçarem verdadeiros voos ao especularem sobre os anseios dos seres humanos? Enxergarem nos amigos os dramas que constituem os personagens de obras clássicas que alimentam o nosso imaginário.

É neste começo da fase adulta que começamos culturalmente a construir nosso olhar para o que há fora de nós. Aqui é quando somos convidados a um novo desafio, que é o de tentarmos construir socialmente nossas opiniões e mantê-las em relação às outras pessoas. É aqui que os outros passam a fazer parte de nossas experiências como indivíduos com opiniões que muitas vezes poderão divergir das nossas e teremos de ter maturidade para respeitá-las.

Notamos, aqui, o surgimento de duas discussões: por quais experiências passamos desde o início de nossas vidas, a criarmo-nos e esperar por aqueles que virão nos completar nos desafios que se apresentam em nossas vidas? Como resistir a tais experiências que constituirão parte do significado de nossas existências em nosso aparato psicológico, reconstruindo a nossa identidade enquanto seres sociais?

A relação teatral típica é muito mais complexa que isso? Aqui, geralmente no fazer teatral mais esperado, fazemos parte de um grupo de pessoas, interpretando, explicando papéis, personagens teatrais, fictícios, que não são nós, expostos a uma plateia, essa história que por nós é contada não é nossa realidade. Porém, mesmo que neguemos, interfere nas experiências de vida dos atores. No teatro, além de estarmos trabalhando, interpretando personagens, também estamos aprendendo sobre situações diversas, muitas das quais não vivenciamos. Na cena, há a vida de um indivíduo, há o desafio, a tensão deste que o move cena após cena. O ator encena meses, esquece a si para dar vida a este outro que o domina e que ore-ensina a rever até mesmo a própria vida íntima com outros olhos.

Qual será a melhor idade para apresentar este desafio para alguém? Essa eterna discussão do artista, entre o que ele é como indivíduo e o que, ou como, consegue explicar através de seus personagens, sobre a vida que existe em cada um de nós, o que ele aprende de cada personagem construído por ele, tanto de si como dos outros? Como observarmos este convite ao fantástico que é a possibilidade dos atores aprendendo a aguentarem as discussões dentro de si? Criando ou revivendo personalidades que nem sempre mantêm harmonia em seu íntimo? Como suportar discussões, inseguranças, destes que são criados ou convidados a ser revividos?

Para os que ainda não conseguem se criar: que quando amparados por outros mais experientes, escalem rumo a experiências e revelações que só nos são clarificadas quando entramos de acordo com o que há de mais profundo no exercício de forjar e apresentar ao público discussões que se apresentam no íntimo de todo indivíduo. Que possamos tocar a todos. E que encontremos e forjemos a nossa identidade de artista cênico.

Por aqui, já vamos, aos poucos, tornando-nos vários em nossa discussão sobre o fazer teatral: "O indivíduo", "o aluno", "o colega", "o artista que elabora a si e a seu trabalho", "o colega apresentando opiniões a outro", "o amigo apresentando desafios a percorrer, como meio de dar ao outro coragem para seguir seu próprio caminho", "o cúmplice, quando desfrutamos juntos de uma experiência e de uma maneira ou outra a resolvemos juntos". Essas são partes de nós que se desenvolvem quando nos vemos como artistas em um grupo. Partes de nós que começam a surgir diante de nossas incursões no modo de significar a nós próprios e reconhecer diferenças nos seres que, aos poucos, vão fazendo parte de nós, mas que não nos identificamos intimamente.

Com o tempo, com os processos que se apresentam a nós, aprenderemos a desfrutar com mais significado as variadas experiências, descobriremos nossas diferenças e nos autorrealizaremos, tanto intelectualmente quanto socialmente. Há também as criações, os personagens realizados pelo artista, que vão fazendo parte de nossas experiências, das lições que aprendemos nas épocas em que os constituímos, as lembranças, lições que ainda podemos aprender quando nos lembramos delas, com tudo isto vemos surgir a essência do artista e como este aprende a gerenciar a complexa lista de exemplos de vida e seres que vão aos poucos constituindo nossa comunidade social, diante do que vamos aos poucos tornando, a cada novo desafio, o que representamos e o que nos constitui enquanto estudantes da vida humana.

Aos poucos, em cada experiência teatral, relacionaremos nossas escolhas com as de nossos personagens, desenvolveremos amizades íntimas e aprenderemos a ficar mais atentos a nós próprios e aos outros. Dentro de toda essa complexidade descobriremos a intimidade, conforme Rosentluth e Steil (apud PAPALIA e OLDS, 2000, p.408): "A intimidade é uma experiência íntima, afetuosa e comunicativa" que pode incluir contato sexual ou não. Aqui encontramos o que há de mais valioso, sincero e comprometedor. O elemento importante da intimidade é a autorrevelação, segundo Collins e Muller (apud PAPALIA e OLDS, 2000, p.408) "revelar informações importantes sobre si mesmo a outra pessoa":

As pessoas tendem a gostar de quem confia nelas. Também não é de surpreender que as pessoas tendem a confiar mais em alguém de quem gostem, e uma confidência feita fortalece o vínculo. Aqui talvez se dê a grande complexidade de toda a relação humana. Quando encontramos intimidade, amor e compromisso. Estamos evidenciando um processo já conhecido sobre os alunos do comportamento humano que aqui será apresentado por mim como os padrões do amor.

Como, depois de tanto trabalho e análise, ainda temos que nos desafiar e resistir, muitas vezes, a este encontro tão comprometedor chamado intimidade? Como, depois de todas essas discussões, conseguiremos separar a afeição de um desempenho bem feito? Isto é possível? Posso dizer que um aluno é um grande artista, mesmo que ninguém goste dele? Ou que ele não tenha amigos? Esse indivíduo conseguirá desenvolver-se plenamente em seu trabalho? A apresentar este livro que diz que pessoas com vínculos fortes vivem melhor, será possível que aquele que não possui vínculos consiga exercer seu trabalho com tanta excelência quanto aquele que vive rodeado de amigos ou de variadas experiências sociais?

Diante dessas perguntas, é importante salientar o processo das artes cênicas muito ligadas com o religioso. Antigamente, na Grécia e em tempos mais arcaicos, realizávamos o teatro ou a interpretação de papéis para que tivéssemos sucesso nas colheitas, para que chovesse. Um pouco mais próximos de nós, as tragédias gregas eram também apresentadas para suscitar o perdão no coração daqueles que a assistiam, sobre a história contada, para o indivíduo que a assistisse pudesse reavaliar a si e a seus pensamentos diante das tragédias apresentadas. Então, como não perdoar aqueles que se diferenciam na nossa sociedade por ter vidas mais atípicas que as nossas? Não devemos também perdoá-los por terem comportamentos mais diferentes quando relacionados com o grande número de indivíduos de uma mesma sociedade e nação que procuram agir de maneira parecida?

Bem vindo, portanto, à idade do comprometimento, aqui já não há escapatória, somos vistos como adultos e temos a responsabilidade de nos comprometermos com a angústia e dúvida daqueles que surgirão depois de nós. É o início de uma fase da vida onde o outro passa a representar o futuro de nossa nação e/ou da humanidade. Que seja muito mais aos nossos futuros alunos do que o início de suas carreiras, que o teatro possa trazer a cada um deles uma grande reflexão sobre as vidas que irão se desenvolver com o passar dos anos. Que seja o início desta grande e delicada experiência que nos coloca à frente como artesãos do âmago da alma de nossa juventude. Que nossa futura sociedade possa com muito cuidado e carinho delinear os grandes pensamentos e comportamentos da espécie humana, dos mais vis aos mais idealizados. Que perdoemos ações que não são bem vistas pela nossa sociedade, que encontremos tempo para recuperarmos nossos jovens perdidos. Que a construção de nossos novos tempos seja baseada na reflexão e na apresentação de uma grande miríade de valores, identificações e buscas por vínculos verdadeiros, de modo que nossa geração possa silenciar e suportar esse difícil caminho que será apresentado aos nossos jovens para se tornarem indivíduos. Que consigamos ouvi-los, que possamos criá-los livres de preconceito, que saibam tanto quanto nós: “Tudo há razão de ser, que estejam preparados e que não lhes falte inspiração para que quando solicitados possam se encontrar a um passo da autorrealização”. Que eles sejam para nós não só nosso futuro, mas também, nossa razão de existir.

**3.2 A obscuridade da luz sob a arte. Ou Estás aprontando o quê guri? Ou Que lorota é essa?**

Aqui, são apresentados pontos em comum realizados com uma forma de pensar e com o que já foi encontrado através dos estudantes do comportamento humano e do teatro. O que segue, com um pé na psicologia social, é inspirado em Rodrigues (2007). Já no verso da capa deste livro encontro um texto muito pertinente:

O relacionamento interpessoal dá ensejo à manifestação de um grande número de fenômenos psicológicos tais como a atração interpessoal, os relacionamentos íntimos, a agressão, o altruísmo, a cooperação, a competição, a formação de grupos, a percepção dos outros, a influência social, o conformismo, a formação de atitudes, estereótipos, preconceitos e, mesmo, a uma forma de pensamento que decorre da presença dos outros ou da antecipação de contato com outras pessoas. O setor da psicologia que se dedica ao estudo destes fenômenos psicológicos provocados pela interação entre as pessoas é a Psicologia Social. A finalidade deste livro é familiarizar o iniciante com vários ensinamentos acumulados pela Psicologia Social, que são de grande aplicação ao nosso relacionamento cotidiano com os outros.

Diante deste texto apresentado no início deste livro, é importante apresentarmos, muito antes do trabalho artístico, o principio do que há de ser psicologicamente social, o que há de ser "social" na psicologia social? No estudo da psicologia, é apresentado um termo que se chama: "Resiliência".

Característica mecânica que define a resistência de um material aos choques (a resiliência dos metais, que varia com a temperatura, é determinada provocando-se a ruptura por choque, de um corpo de prova padronizado). Na psicologia, resiliência é referida em relação ao comportamento humano como uma característica existente de modo a apresentar a resistência do indivíduo diante de experiências que afetem a sua natureza que os frustrem. (BRANDÃO et.al., 2011).

Relacionamos, portanto, esta característica, com a discussão de elementos da psicologia social, pois já podemos prever a resistência, o atrito já criado antes mesmo de nos vermos inseridos em algum grupo social. Neste trabalho, apresentamos estas questões de maneira mais subjetiva, poética mais ligada a impressões relacionadas com experiência pessoal. Nesta parte, recorremos à psicologia social, que apresenta fenômenos naturais da socialização entre seres. Como nos diz Rodrigues (2007):

A maior parte de nossa vida é passada em contato com outras pessoas, seja por escolha, seja por imposição das circunstâncias. Relacionamo-nos com nossos familiares, com nossos amigos, com nossos colegas, na escola e no trabalho, com as pessoas, que nos prestam ou a quem prestamos serviços e, quando não podemos de todo evitar, com pessoas de quem não gostamos e até com inimigos.

Compreendemos que tais fenômenos estão presentes em nossa vida cotidiana, esperamos que a partir deste aprofundamento psicológico, quem sabe possamos aproveitar e delinear de maneira mais produtiva e verdadeira o grande fenômeno teatral que se refere ao trabalho em grupo, antes de tudo, e à construção do fazer teatral. Como refere Robert Zajonc (apudRODRIGUES, 2007), "a psicologia social é o estudo da dependência e da interdependência entre pessoas".

Que antes de nos vermos como artistas possamos, como indivíduos, conseguir administrar os fenômenos ocorridos neste grupo de criação artística e antes de tudo social, que tenhamos o prazer, antes de tudo, de estarmos juntos.

O quão interessante será conviver entre outros indivíduos, quando percebemos a nossa dependência e interdependência que ocorre em nossos companheiros, quando virmos o modo como se formam nossas percepções em relação aos outros, nossas motivações e nossas atitudes e comportamentos em relação aos indivíduos que se socializam conosco. Que consigamos conscientizar nossos comportamentos, tais como altruísmo, amor, violência, agressão, estereótipos, preconceitos, comportamento grupal, formação de amizades, formas de influenciar pessoas, tudo que é aplicado a estas situações em que pessoas interagem entre si.

Para que possamos compreender com mais clareza,havemos de captar tal afirmação: "O social" da psicologia social não é a sociedade, mas o indivíduo em sociedade. Não é o social num sentido macroscópico (movimentos políticos, instituições, problemas urbanos), mas o social num sentido microscópico (a interação entre dois ou uns poucos indivíduos, provocam). “Relação ao comportamento da espécie em que fazemos parte: o homo sapiens” (RODRIGUES, 2007.). Nós não vivemos sós e estamos sempre na busca grupal de nossa existência fazer sentido aos outros indivíduos que nos cercam através de sentimentos de comprometimento, atração, subjetividade?

Um dos grandes exercícios do ator em grupo é, muitas vezes, relacionado com a construção de um espetáculo. Mal sabe a grande maioria dos atores que já estão inseridos um com o outro em um grande "tubo de ensaio", “uma grande apresentação”, como agentes e reagentes de uma grande experiência, "o espetáculo de suas próprias vidas", antes mesmo de lerem um texto de alguma peça. Este “show”, talvez possa se tornar muito mais significativo do que a própria obra que estão reunindo para apresentar ao público. Este "encontro", também se trata de nossa vida. Resoluções de inúmeras sensações, que se resolvem com o objetivo de realizar o texto dramático solicitado. Trata-se de nos vermos como uma equipe que deve lutar para colocar suas diferenças de lado e se colocar pró-ativamente na resolução do trabalho proposto antes de tudo. Que cada um dos integrantes desta equipe possa irradiar o amor, companheirismo e desafio para cada um dos seus colegas de grupo.

Depois de nos vermos assim e ainda por cima percebemo-nos parte deste grupo de trabalho, que possamos aos poucos também nos vermos como amigos, para que, nesta atmosfera de cumplicidade, exercitemos nossas potencialidades artísticas íntimas assumindo agora os papéis da obra dramática escolhida,que nem sempre vão de acordo com o jeito de nos apresentarmos uns aos outros quando estamos fora de cena.

Através deste desafio, somos impulsionados, portanto, a criar sobre o que lemos e mesmo que ainda pouco conhecendo sobre a obra escolhida, este texto de teatro, vamos expondo, com nossos pontos de vista ainda imaturos diante da obra, os primeiros olhares diante dos personagens e suas ações. Vemo-nos irremediavelmente, também, ao interpretarmos e irmos descobrindo os personagens, irmos nós crescendo enquanto indivíduos. Diante desta realidade fictícia que vai transformando nosso jeito de pensar e algumas vezes até mesmo de nos comportarmos, vamos às mais variadas relações das quais fazemos parte, nos transformando. É interessante enxergar que nem todas as mudanças são reconhecidas por nós próprios, nem toda transformação é consciente ou provém da reflexão das várias partes constituintes de nosso ser. Nem sempre percebemos que algo que compreendemos em cena possa nos transformar, muitas vezes sem termos percebido, e acaba por modificar nosso fazer teatral e possa gerar mudanças em nossas vidas íntimas. Que se possa modificar também a maneira como nos comportamos com nossos variados companheiros. Neste caso, o grande enigma que nos cerca é o de nós, enquanto seres humanos, tentarmos compreender o que é que se encontra subjacente ao comportamento de nossos amigos, personagens e os nossos próprios. Cada fala, ação, pode apresentar uma série de sensações e interpretações, das quais, se não forem refletidas, pensadas, poderão nos levar a outras séries de significados existentes em nosso âmago e que não são vistas por nós. Sem aprofundamento consciente pouco poderá se perceber o quão nos tornou constituídos das experiências vividas por nós, observada por nós e construídas por nós, tanto em cena como em nossa vida íntima.

Havemos de nos exercitar na busca da profundidade de nossas leituras sobre o comportamento humano, assim poderemos com mais sobriedade significarmos conceitualmente fenômenos que se apresentam a nós de maneira mais condizente ao que de fato ele quer significar.

Um grande exercício de modo a delinearmos com maior complexidade, tanto o estar inserido em um grupo social de teatro quanto construir um personagem de teatro, refere-se a uma reflexão sobre a atribuição de causalidade. Como tentar descobrir as qualidades de um comportamento ou a resolução de determinado ato através da discussão entre internalidade e externalidade, de um ser ou personagem? A ação se dá por algo que existe dentro do artista ou personagem? Fora destes?Tal comportamento é estável ou instável? É algo controlável ou incontrolável? Se percebermos enquanto artistas que nossas experiências de vida aumentam nosso material criativo, logo perceberemos a grande diferença que há entre aquele que cria um personagem, o personagem criado e as nossas experiências pessoais diante dos nossos outros papéis sociais que compõem nossa personalidade nos diferentes grupos sociais em que estamos inseridos.

Trazendo este material da Psicologia Social para a reflexão do trabalho do ator em um grupo social e deste mesmo na criação de um personagem podemos aperfeiçoar problemas de comunicação entre o grupo profissional e enriquecer ou relembrar métodos de criação dos personagens feitos por nós. Bernard Weiner, (apud RODRIGUES, 2007), psicólogo social da universidade da Califórnia em Los Angeles diz:

As características causais determinam os afetos e os comportamentos que se seguirão às atribuições feitas. Se fracassarmos por falta de aptidão (uma causa interna/estável e incontrolável) sentiremos tristeza e decepção, mas não remorso ou culpa, e provavelmente seremos pessimistas quanto á possibilidade de não fracassar no futuro (RODRIGUES, 2007).

Por enquanto, este vem demonstrar o grande mistério didático do ator na construção do personagem e de seu aprendizado que é o de encontrar a relação dos contatos sociais, tanto do ator, quanto do personagem com a tendência humana de procurar conhecer as disposições internas que explicam o comportamento observado. Tanto do artista, quanto do personagem e da avaliação do criador com o que foi criado, trazendo mudança àquele que compõe indivíduos variados. Para que possamos até mesmo criar erros de atribuição e julgamento. Aí será o encontro do prazer humano em investigar ocorrências como diz Virgílio: "Feliz aquele que pode conhecer as causas das coisas". E que sejamos humildes para reavaliarmo-nos e compreendermos que nem sempre elas podem ser constituídas como verdadeiras tais causas dos comportamentos vistos por nós. O interessante deste caminho é que o que importa para que se entenda o comportamento das pessoas em interação com outras é como elas percebem os fenômenos, independentemente de estas percepções corresponderem ou não à realidade.

Talvez a beleza da arte e a tristeza do artista em grupo sejam: "Que em nossa interação com as outras pessoas, acabemos registrando o que nos acontece de forma mais ou menos distorcida, em função de nossos interesses, vieses, atitudes e formas de fazer atribuições". (RODRIGUES, 2007.p.22)

Ou seja, o que para a arte torna-se poesia, na vida real transforma-se em pesadelo, tragédia.

Neste processo de comunicação, de aprendermos a andar socialmente juntos e de identificarmos uns aos outros de determinada maneira relacionada com o que observamos, surge a influência social, esta que ocorre quando uma pessoa faz com que outra emita um comportamento que, a princípio, se recusava a emitir. Não nos é assustador? Será que não é um princípio de alienação? Qual será, portanto o significado que nos é apresentado em quanto artista e enquanto pessoas? Como havemos de aprender sobre nós, através desta sutil coercibilidade social? Aqui estão as bases de poder propostas por Raven (apudRODRIGUES, 2007.): poder de coerção (ameaça de castigo), poder de recompensa (oferecimento de algo), poder de referência (apelo de um amigo), poder de conhecimento (capacidade do médico) e poder legítimo (direito da mãe sobre o filho) e poder de informação (apresentar argumentos convincentes). Não nos parece assustadoramente impressionante relembrar-nos de uma maneira ou outra nossa dependência por alguém que influi de uma maneira ou outra nosso comportamento?

Aqui podemos ver o trabalho misterioso do artista e sua obra. Segundo Aroldo Rodrigues (2007)

Todas as vezes que contemplamos dois pensamentos que não se harmonizam, sentimos uma motivação a torná-los compatíveis, a fazer com que se harmonizem. O fenômeno que o ator é colocado diante de sua própria obra que seria o personagem, age assim: Se, por exemplo, temos conhecimento de que fumamos e, ao mesmo tempo, temos conhecimento de que o fumo é prejudicial à saúde, entramos em dissonância e seremos motivados a eliminar ou, pelo menos, a reduzir essa dissonância, ou parando de fumar ou questionando a correção dos dados sobre os malefícios do hábito de fumar.

Como conseguir compreender, portanto, que muitas vezes um personagem pode não parecer real, diante de uma plateia, por culpa da identidade do ator em relação às experiências deste?

Portanto, apresentamos o caminho sério e arriscado que provém do artista abrir-se e acolher o personagem, muitas vezes, colocando a perder seu próprio ser que representa a si frente aos outros enquanto indivíduo, caminho arriscadíssimo para nós estudantes de teatro. Neste serviço, quem é o responsável pela saúde mental do artista diante deste exercício de sacrifício em nome da arte? No cinema e na TV já temos o chamado preparador de elenco, porém no teatro me parece que este serviço cabe somente ao ator, esquecer-se de si para compor outro ser e aprender a reencontrar-se, sem ser supervisionado por ninguém? Como voltar a si, com sua essência logo após fechar o pano? Logo depois o fim da apresentação?

Será que diante deste processo do ator esquecer-se de si para ter um desempenho bem visto pela comunidade teatral também não é um convite oculto deste artista a se deparar com outras qualidades que surgem em seu comportamento? Como sintomas de uma compreensão régia diante das pessoas que também aprenderam a compreender este ser fictício e que aos poucos assombram o nosso chamado inconsciente coletivo? Como não atentarmos a esta transformação sofrida pelos artistas, como recebê-los com os novos aprendizados da ficção para sua real vida? Aqui apresentarei formas sutis e eficazes de influências que podem ser encontradas em textos fictícios, ou futuramente criadas por artistas.

Inicio pelo “princípio do contraste”, mecanismo utilizado para relativizar, por exemplo, a importância de determinados eventos:

Princípio do contraste: quando desejamos fazer com que uma pessoa não reaja de forma severa frente a um eventual erro, má ação ou fracasso nosso, pelo princípio do contraste devemos fazê-la acreditar que fizemos coisas muito mais graves e sérias. Quando a pessoa estiver pronta para desencadear sobre nós toda sua ira, espanto e reprovação imediatamente lhe dizem que tudo isso é falso, mas que eu de fato fiz... E aí se conta o fato de menos gravidade que realmente ocorreu. A pessoa aliviada por não ser verdade tudo o que disse de muito mais grave tenderá a considerar o que de fato fizemos como de menor gravidade, pelo efeito do contraste. Este já presente na caótica vida dos atores quando fazem personagens fortemente indagáveis e estes mesmo o apresentam como uma obra fictícia (RODRIGUES, 2007).

Utilizemos o exemplo de Cialdini (apudRODRIGUES, 2007), que o faz através de uma carta escrita por uma aluna aos seus pais, para exemplificar o conceito apresentado de influência social:

A carta começa com desculpas por não haver escrito antes e solicita que os seus parentes se sentem antes de continuar a leitura, pois as notícias são alarmantes. Com esta preparação a aluna começa a narrar vários acontecimentos desagradáveis (um incêndio em seu dormitório, sua queda tentando escapar que resultou numa concussão cerebral, o aparecimento de um namorado, boa pessoa, mas com pouca instrução, que a engravidou e lhe transmitiu uma doença venérea). Tudo isso é narrado de forma verossímil e ponderada. No último parágrafo, a missivista diz que não houve nada disso que ela contou antes, entretanto, ela foi reprovada em química e tirou nota baixa em história. Em outras palavras, a aluna influenciou seus pais no sentido de não reagirem muito negativamente a seus fracassos escolares. Pintando um quadro dramático antes de confessar o fracasso, fez com que, pelo contraste da gravidade das duas situações surgisse o alívio experimentado ao saber que o drama não havia ocorrido, seus pais reagiram ao seu fracasso escolar de maneira mais suave do que a aluna esperava.

Já aqui apresentamos a “regra da reciprocidade”, que versa sobre a expectativa de receber “algo em troca”, frequentemente em nosso benefício, pelas ações que realizamos:

Regra da reciprocidade: Esperamos que as pessoas retribuam o que fazemos para elas. Se convidarmos alguém para jantar, esperamos que a gentileza seja eventualmente retribuída; se ajudarmos uma pessoa a empurrar seu carro, esperamos que, em situação semelhante, ela nos ajude; ninguém gosta de ser considerado ingrato ou aproveitador. Na política, por exemplo, a regra de reciprocidade funciona de forma tal que se sobrepuja até as recomendações mais elementares da ética. Portanto, se quisermos influenciar uma pessoa a fazer-nos alguma coisa, uma forma eficaz de consegui-lo é fazer com que ela se sinta devedora de algo em relação a nós. Quantas vezes não ouvimos uma pessoa dizer a outra: ‘Ontem eu mudei a TV para o programa que você queria, lembra-se? Pois bem, agora é minha vez. Quero ver o programa X e não este que você está vendo’. E situações semelhantes são frequentes em nosso cotidiano (RODRIGUES, 2007, p.?).

Outro exemplo de aplicação da regra da reciprocidade é visto nas relações comerciais:

Exemplos do funcionamento da regra da reciprocidade nesta forma mais sutil também são frequentes. Vendedores utilizam-se muito dela tentando, inicialmente, induzir-nos há adquirir algo muito caro para em seguida, após nossa negativa, apresentar algo bem mais barato como que dizendo: ‘De fato o que quis vender inicialmente é muito caro e compreendo sua negativa, mas agora estou apresentando um produto barato e você deverá reconhecer que desta vez lhe estou oferecendo uma boa compra’ (RODRIGUES, 2007).

E, considerando que tal regra está aplicada no campo da influência social que podemos exercer, ela também permeia outras tantas relações possíveis dentro do terceiro nível da pirâmide de Maslow. Ela pode ser vista, também, do ponto de vista de uma criança, ou sobre uma realidade infantil:

Uma consequência prática desta forma de influência social é a seguinte: se um menino quer que sua mãe lhe dê um real para comprar balas e a probabilidade de consegui-lo é pequena, ele deve pedir a ela vinte reais para comprar balas. Após sua recusa, ele deverá dizer: então será que você pode me dar um real para comprar o chocolate mais barato que o baleiro vende? (RODRIGUES, 2007, p.?).

Além dos mecanismos descritos até o momento, é válido destacar, igualmente, o de “pressão social”, que contempla a nossa relação com “os outros”, nossa vivência dentro da coletividade que influência nosso comportamento individual:

Pressão Social: Uma das formas mais eficazes de influência é a utilização da pressão social, isto é, a alegação de que os outros estão conosco. Nós não gostamos de uma maneira geral, de nos sentirmos diferentes dos outros. É comum nos depararmos com a situação de um punhado de pessoas começarem a olhar para o topo de um edifício apontando algo e, logo em seguida, uma multidão estar fazendo o mesmo. Neste caso, entra também o fator curiosidade, mas não deixa de estar presente o fator pressão social, isto é, se os outros estão olhando eu devo olhar também. Consequentemente, dizemos que os outros estão conosco constitui uma forma de influenciar outra pessoa no sentido de seguir o que dizemos. Estamos neste caso, usando a pressão social da validade de nossa posição como forma de influência. (RODRIGUES, 2007, p.?).

Rodrigues (2007) destaca que a obra de Cialdini apresenta outras formas de influência social, empiricamente comprovadas através de observação e experimentação controlada.

Mas seria, então, um caminho perigoso enveredar pela psicologia social? Afinal, ela nos aponta diversas maneiras de influenciarmos os outros. Em que medida estaríamos deixando a ética profissional e pessoal de lado? Prevendo tais questionamentos, Rodrigues (2007) nos aponta a importância do uso responsável do conhecimento:

Poder-se-á perguntar, após ter-se entrado em contato com tantas formas de influenciar os outros, se a psicologia social não é um setor do conhecimento que, nesta área, se destaca pela falta de ética. Afinal, não é antiético utilizarmos um conhecimento especializado para induzir as pessoas a determinados comportamentos? A resposta a esta indagação é muito simples. A Psicologia Social, como ciência que estuda a interação humana, procura estabelecer os princípios que norteiam esta interação. A finalidade para qual tais conhecimentos serão utilizados é de responsabilidade de quem os utiliza. Eles podem ser utilizados para induzir uma pessoa a tomar drogas, como podem ser empregadas para evitar que uma pessoa adquira AIDS; para levar um jovem à delinquência ou fazê-lo aplicar-se mais aos estudos; e assim sucessivamente. À psicologia social cabe conhecer. A aplicação desse conhecimento é de responsabilidade de quem o aplica;para você, estudante de teatro, não surgiu em sua mente situações em que você pudesse utilizar tais conhecimentos?

**4. Pensando as vivências: As Experiências de Sala de Aula - Contato Inicial**

Este texto é uma construção coletiva, com os colegas Tayla Rosa e Carlos Prado. Por ter participado de sua elaboração e pela sua importância como vivência, reproduzimos, neste trabalho, parte de nosso relatório de estágio.

Na disciplina de Estágio I da Universidade Federal de Pelotas, no curso de Teatro – Licenciatura, começamos a experiência em lecionar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Francisco Simões, localizada na rua XV de Novembro número 263. Esta escola ocupa um casarão antigo da cidade de Pelotas, por este fato apresenta espaço físico limitado. Não possui uma sala apropriada para atividades corporais, o que não foi um obstáculo para nossas aulas, visto que elas foram organizadas para os espaços que tínhamos disponíveis. As aulas ocorreram predominantemente na sala de vídeo, mas também utilizamos a quadra, o parquinho (aos fundos da escola, onde se localizam os brinquedos de praça), o pátio e a sala de aula da turma. Nosso estágio foi desenvolvido com a turma do segundo ano, turma 21, coma professora titular que, desde o primeiro momento, mostrou-se disponível em nos auxiliar durante das aulas, que ocorreram entre os dias 14 de outubro e 04 de dezembro. A turma é formada por 21 alunos, com idade entre sete e oito anos, e inicialmente demonstraram uma resistência às aulas de teatro, que diminuiu significativamente ao longo dos encontros. O contato inicial foi bastante assustador. Durante nossas conversas pós-aula, discordávamos muito sobre os resultados almejados previamente e os alcançados. Demoramos a perceber que talvez o objetivo do estágio não fosse chegar num resultado “concreto” ou mesmo que todos os alunos alcançassem de maneira equivalente os conteúdos por nós apresentados. Essa busca por um resultado, talvez até pelo medo da avaliação vinda dos professores ou dos colegas acadêmicos, por muito tempo nos deixou aflitos e inseguros com a nossa prática na escola. Só depois de algum tempo, que acreditamos ser de mais ou menos três ou quatro encontros, foi que nós, enquanto discentes/docentes/artistas, começamos a nos perceber no espaço, começamos a dialogar um com o outro – e dialogamos sem necessariamente usar o recurso da fala – é que houve um relaxamento por nossa parte e um entendimento de que não era possível estimular igualmente as vinte e uma crianças a serem futuros atores ou profissionais do teatro. Relaxamos e percebemos que nossa prática com aquela turma poderia – e pode – gerar futuros artistas, mas para muito além disso, gerar cidadãos que, mesmo sem continuar com uma prática similar a nossa ou mesmo sem gostar do que trocamos naquele espaço, trabalharão nas mais diversas áreas e respeitarão nosso fazer artístico. Motiva-nos pensar nessa futura valorização.

É preciso acreditar nas crianças. Não se frustrar pela sua desatenção com os exercícios propostos. A criança não está de todo desatenta, acontece que ela ainda não está totalmente focada nos exercícios propostos. Às vezes, o professor acha que isso é rebeldia. A mente jovem da criança é muito elástica e dispersa. A criança não consegue explicar que tem vezes que aquilo que não é considerado “aula” para o professor também é digno atenção. É uma pequena descoberta para os nossos pequenos. Dar aula para crianças demanda muita paciência, aquela aparente distração naquela aula em que é exigida muita atenção e foco, pode ser substituída por uma pequena divagação, por uma descoberta repentina, por um rápido reflexo. Isso tudo pode ser o início da construção de algum conteúdo na consciência deste ser que ainda não compreende que, neste momento, também está estudando e que tal arroubo repentino pode delinear transformações em sua personalidade, comportamento ou, até mesmo, divergências na escolha de uma profissão. Portanto, tente não podá-la ainda. Não a deixe constrangida. Não a faça chorar. Resista. Precisamos, muitas vezes, “engolir” nossos anseios e desejos de professor, muitas vezes fiéis com nossa formação e ambiciosos com o desenvolvimento espantoso e fantástico de nossos alunos, para os deixar “ser mais crianças”, descobrir coisas sozinhas enquanto andam para beber água, depois de perguntar se poderiam fazê-lo. Parece que não,mas elas sabem que devem obedecer. Ainda não sabem que obedecem por quererem ser amadas e não obedecem, por distração. Outros poucos, teimam por sua vida já não ser nada fácil.

Resista. É uma fase delicada. Tentemos não brigar com nossos pequenos cidadãos. Alguns podem não saber por que se comportam de determinado jeito. O professor já deve suspeitar, mas ainda não podemos atribuir-lhes alguma culpa realmente sincera sobre seus atos. O fato é que querem ser admirados e não sabem que caminho seguir para serem amados. Esses caminhos podem estar cheios de uma série de estímulos, coisas que podem deixá-los surpresos, que podem moldá-los e formar fortemente seu ser, além de deixar lembranças substanciais em sua infância, na escola, no estudo, na maneira como veem as coisas. Ao mesmo tempo em que é necessário e importante aprender o que o professor está ensinando, é preciso que este respire fundo e permita que seus alunos tenham momentos raros que eles possam chamá-los de seus. Deixemos, como professores, que encontrem suas maneiras de ver o mundo. Tentemos descobrir o que gostam, tentemos, com as descobertas, complementar seus planos de ensino. Quão feliz e recompensado finalmente ficaremos, quando percebermos aquele momento em que a turma estiver atenta ao que está sendo dito. Muito mais felizes ficaremos quando conseguirmos fazer com que nossas aulas passem a ter real sentido para a vida de nossos alunos, e tanto aula quanto alunos puderem voar muito mais além do que o imaginado.

**4.1 O início**

A reflexão deste trabalho com os alunos da turma 21, como mencionado, partiu de uma máxima que nos foi apresentada no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas, alguns anos antes de realizarmos a disciplina de Estágio I. Diante da maneira como procedeu ao acompanhamento da professora Fabiane Tejada Silveira, responsável pelo desenvolvimento pessoal deste autor na cadeira de Estágio I e pelo acompanhamento da professora responsável pela turma na qual trabalhamos, professora Valquíria, fomos acometidos, nos últimos dias, por esta lembrança: “Nada ensinar, nada aprender! Deixar crescer as próprias raízes.” Não encontramos em nossos cadernos antigos a anotação, pudemos, então, encontrá-la na internet. Lendo um trabalho de pós-graduação da Universidade Cândido Mendes, do Instituto de pesquisas sócio-pedagógicas, chamado: Arte-Educação: “Uma abordagem Social” de Inês Coelho Teixeira orientada pelo Prof. Marco A. Larosa (2003) que nos contextualizou sobre a observação lembrada e encontrada neste trabalho, na página 28:

Franz Cizek, arte educador que atuou em Viena na Virada do século, observando a paixão com que as crianças desenhavam em um muro em frente à sua sala, em Viena, Cizek incentivou-as a trabalhar, organizando-lhes aulas de arte. Seu empenho com crianças e o respeito que dedicava à sua expressão tornou-o conhecido como pai da arte infantil. Célebre por seu curso de “arte jovem”, introduzido em Viena em 1897 como escola privada e, em 1904, integrado à Escola de Artes e Ofícios, tinha como lema de ensino: ‘Nada ensinar, nada aprender! Deixar crescer as próprias raízes’.

Defensor da desescolarização da escola, causou espanto e sensação entre os educadores de então, sendo reconhecido em diversos congressos de Educação Artística (TEIXEIRA, 2003, p. 28). A reflexão neste texto está fortemente entrelaçada a esta primeira experiência em aula com aquelas crianças, onde ainda não são registrados o desenvolvimento individual, de cada aluno, como preponderante, para este seguir a outra turma na qual houvesse ascensão e maior complexidade didática em relação ao teatro, exigências para passar de ano, além de cobrança por parte dos professores no eixo ou matéria de aula relacionada às artes (ou mais propriamente ao teatro) o que acarretou uma maneira de pensar mais aberta, porém não abdicada de se ver submetida a uma procura sincera em tentar obedecer, ou compreender discussões relacionadas a avaliações futuras no teatro em escola,nos próximos anos: o que deverão saber para serem aprovados?

Além de notar a necessidade de tentarmos nos encontrar fortemente ligados às discussões teóricas, relacionadas com as próximas fases do teatro em sala de aula.Ao mesmo tempo em que há identificação com Franz Cizek, há a curiosidade em compreender e tentar aprender o que fazer para ser um bom professor.O que é preciso perceber e assinalar nas obras de nossos alunos para podermos delinear sua progressão intelectual rumo a um bom trabalho, uma boa desenvoltura relacionada às exigências do fazer teatral? Além de pessoalmente inseguros com como há de ser o futuro dos desafios do educador de teatro relacionado com o que haveremos de exigir de nossos alunos. Quais serão os métodos de avaliação? Quais capacidades serão exigidas para que sejam aprovados ao final do ano? Ficou um forte anseio em estudar como apresentar o teatro nas séries iniciais de modo que estes alunos adquiram prazer e disciplina em estudar teatro, sem se sentirem ainda cobrados. Nesta finalização de cadeira, deparamo-nos com a angústia de imaginar o que haverá de ser daqueles alunos que, talvez, não adquirindo prazer foco, seriedade, comprometimento, serão obrigados a desempenhar atividades e avaliados em uma matéria com a qual não se identificam que, de acordo com o que informalmente escutamos, poderá ser motivo de reprovações. Não deveria ser matéria obrigatória nos moldes das “disciplinas tradicionais” nos ensinos anteriores ao ensino superior. Mas se é? Como incutir-lhes já desde o início a importância do teatro, além da disciplina e prazer no fazer teatral? O estágio foi o início de uma série de discussões e avaliações sobre como há de ser apresentado o teatro para as crianças, de modo a podermos minimizar possíveis mazelas no futuro de nossos estudantes além de começar a compreendermos quais serão as exigências mínimas do desenvolvimento do teatro em escola e dos nossos alunos. Esperamos que, com esta aparente visão “descomprometida” com o crescimento das crianças na evolução de suas potencialidades teatrais, possa ver amadurecer em suas mentes e corações a paixão e rigor técnico que só o tempo e o estudo sério poderão os acometer. Que através de um começo amoroso e resiliente dos professores de teatro de séries iniciais, possamos vislumbrar, no futuro, com nossos alunos já mais velhos, a mesma seriedade e gravidade que todos nós temos em relação à aquisição do conhecimento, que observamos em outras matérias que compõe os anos do ensino brasileiro. Defendemos, no início deste texto, que as crianças possam ser mais crianças, às vezes no “andar” de seu desenvolvimento, porque esperamos poder acreditar que, apenas com paciência, retidão e administração de nossas frustrações enquanto professores é que poderemos, no momento certo, ver nossas crianças crescerem e, não mais regredindo. se tornarem “adultos mais adultos”,comprometidos com seu desenvolvimento, com seu íntimo e com as exigências atribuídas diante de seus novos desafios.

**4.2 Resultado1**

Este texto é uma construção coletiva, com os colegas Tayla Rosa e Carlos Prado. Por ter participado de sua elaboração e pela sua importância como vivência, reproduzimos, neste trabalho, parte de nosso relatório de estágio.

Ao fim dos 10 encontros não existem fechamentos. Existem aberturas. Aberturas da nossa mente para comungar da prática associada a toda aquela enxurrada de teoria estudada ao longo do curso de Teatro. Aberturas para o entendimento pessoal de cada um de nós e da nossa formação docente/discente/artista. Abertura para os estudantes da turma 21 da Escola Dr. Francisco Simões que, em outras experiências, terão a chance de ter um conhecimento e admiração básicos sobre esse fazer. Aberturas sobre o nosso próprio fazer artístico que, sem que percebamos, acaba deixando de lado o público infantil, tão rico, tão cheio de histórias e mistérios. Aberturas no espaço escolar e no seu entendimento sobre a nossa prática como professores. A prática, que parecia tão longa no começo, passou num piscar de olhos e só nos apresentou o que há de mais comum no espaço escolar, nos deu uma breve introdução do que serão os próximos estágios e o nosso campo de trabalho. Fez-nos rever os pré-conceitos que tínhamos sobre esse espaço, e nos fez sair dele com outros que nem nos passavam pela cabeça. A experiência é única. Nós três, naquela cidade ao sul do Rio Grande do Sul, naquela escola numa rua de paralelepípedos, naquela turma de segundo ano, nos propiciamos inúmeras reflexões, numa velocidade tão rápida que passam antes que escrevamos aqui. Queremos tudo mais. Transformar mais a realidade de crianças e do espaço escolar. Transformar mais teoria em prática. Dialogar mais com os teóricos estudados até o momento. Fazer mais rodas e menos classes alinhadas. Respirar mais e mais lentamente. Produzir mais teatro infantil. Ter um leque de aberturas nos deslumbra de tal maneira que chegamos a nos confundir sobre o que concluir. Aliás, concluiremos com todas as aberturas possíveis.

**4.3 Onde tudo começou**

Como no texto anterior, este texto é uma construção com o colega Carlos Prado, extraído de Relatório de Estágio Supervisionado II Ensino médio.

Realizamos a prática da disciplina de Estágio II no Colégio Municipal Pelotense, localizado à Rua Marcílio Dias, 1523. A escola, no nosso ponto de vista, parecia ser muito grande, ao contrário de suas turmas, que aparentemente pareciam meio vazias. Um grande prédio, com boa estrutura, a escola conta com dois auditórios e sala de dança, espaços que facilitaram nossas aulas e que são relativamente bons para práticas, se comparados a outras realidades. A turma que trabalhamos foi a 31A, um grupo de mulheres do ensino técnico do magistério. Começamos com 11 alunas e, com as desistências no decorrer do curso, terminamos com 9. A média de idade não corresponde a adolescentes do ensino médio, como esperávamos. Nessa turma haviam muitas senhoras, mães de família, diríamos que a média de suas idades dariam algo entre 25 e 30 anos. Trabalhávamos com elas na disciplina da professora Ana Lacau, que também supervisionou nossas aulas. A matéria dela era Artes. Tínhamos a sala de aula para nosso uso e também uma sala de dança, com barras e espelho. Nos primeiros dias tentamos utilizar também a sala de artes, mas não conseguimos e isso fez com que nossas aulas ficassem mais concentradas na sala de dança para exercícios práticos e na sala de aula para nossas intervenções teóricas. A escola foi bastante cuidadosa com nosso processo. Chegamos durante um período de troca de horários dos professores. Estavam todos se organizando e, atendendo a um pedido nosso, o diretor do turno organizou os horários letivos de uma maneira que as aulas de artes fossem juntas, pois entendeu que o tempo estendido facilitaria o rendimento das nossas aulas, visto que cada hora aula no colégio tem 35 minutos.

Ana Lacau, sempre muito atenciosa. O diretor do turno, muito feliz com a chance de haverem aulas de teatro na escola. Graciane, a coordenadora pedagógica, sempre atenciosa também e pronta para sanar as nossas dúvidas. Até mesmo os porteiros sempre nos receberam muito bem. A turma pela qual ficamos responsáveis era muito educada e prestativa, apesar de se distrair com bastante facilidade nas aulas por nós ministradas. Adoraram as aulas que demos a elas. Ao planejar a prática que desenvolveríamos não nos demos conta de que o tempo das aulas, 35 minutos cada uma, talvez fosse pouco para a realização de tudo. Com grandes ambições de trabalhos teatrais, em especial nos conteúdos de contação de histórias e pré-expressividade, demoramos a enxergar que boa parte do tempo seria dedicado à integração da turma e a busca de um conhecimento que as mesmas não tinham. Mais ou menos na metade dos encontros, enfrentamos uma crise enquanto dupla, que era a de abrir mão daquilo que planejamos para dar espaço àquilo que seria viável realizar. Foi preciso bastante paciência, tanto nossa quanto das alunas, para encontrar um caminho, ao qual nós, enquanto estagiários, e elas, enquanto alunas, pudessem caminhar juntos e estabilizar nossas práticas.

**4.4 Quando “o buraco é mais embaixo”!**

A maneira como tentávamos nos apresentar nas aulas foi frustrante. Como nos colocarmos em relação a uma turma de pessoas maduras? Como resolvermos na aula, faltas, esquecimentos de materiais, distrações? Como apontar seus erros, criticar de modo que elas conseguissem resistir à frustração e continuar a estudar? Como dar-lhes carinho e conseguirmos criticá-las, sem perderem todo o amor próprio, combustível para continuar levando a vida e não esmorecer diante dos novos desafios propostos? Aqui, ao contrário de nossas aulas com pessoas mais novas, tínhamos mais desafios a apresentar, poderíamos propor outros exercícios e esperar um comprometimento maior do que os dos nossos alunos mais novos. Nesta turma, procuramos exigir nas aulas além de concentração e a apresentação de um diário de bordo feito por elas, que exercitassem, minimamente, a contação de histórias e a pré­-expressividade teatral. No dia que pedimos a elas trouxessem histórias para que cada uma contasse para turma, elas não o fizeram. Também esquecemos de levar livros infantis, como um plano B, na espera de que elas os levassem.

Outra parte de nossa aula propunha exercícios de expressão corporal e vocal, da qual sentimos um tônus, umas forças no movimento ainda precárias. Aqui, muitas meninas esqueciam-se de tirar anéis, relógios, pulseiras e colares, além de virem com calça de brim, o que dificultava os exercícios práticos.

Houve também muita distração. De acordo com o que sentimos nas colegas, tentávamos dar aulas físicas a elas sem tocá-las, pois imaginávamos estarmos invadindo o espaço delas, de modo que cada exercício, cada relaxamento, cada alongamento que,a nosso ver, elas podiam se esforçar um pouco mais, ir um pouco mais além do que iam, não o fizeram. Os esforços a tais exercícios foram de esforço mínimo em relação a nossas experiências enquanto alunos de teatro.

Chegamos a uma profundidade curiosa neste semestre de Estágio 2. Em se tratando de Teatro, pudemos observar, desta vez, outras dificuldades neste processo que é de disseminar e refletir sobre a arte nas salas de aula. Foram praticamente 10 alunas nas nossas 20 horas de ensino. Eram 10 mulheres no curso de Magistério, do colégio Pelotense. Havia grande diferença de idades entre elas, pessoas com conhecimentos variados, muitas com bastante experiência de vida. Na Turma 31A tínhamos mães, algumas outras jovens com namorados, poucas, ou talvez até mesmo apenas uma, era provavelmente solteira e, com o que imaginávamos, ser a idade certa para estar cursando um técnico. Grande erro. Deve ter sido resultado de nervosismo pensar de tal jeito, acreditar que temos idade para estudar. Acreditar que não aprendemos com os mais novos. Porém, aqui continua parte do dilema. É um absurdo social o professor com menos idade, dar aulas para pessoas mais velhas. Eram elas que deviam estar no nosso lugar! Com idade mais avançada, mães de família, estas senhoras compreendem muito mais do que nós sobre a obscura condição da vida que além do resultado das coisas, dialoga com o saber viver e contemplar as pequenas vitórias de cada indivíduo, na busca de transformara si próprio diante da realidade que cerca cada um de nós. Possuem uma experiência muito mais abrangente, muito mais preparada em resistir às frustrações daqueles que as cercam, mais jeito em, diante da frustração, fazer desta energia, combustível para ir além das dificuldades apresentadas. Já possuem o trejeito correto em encaminhar, a cada um, aquele exercício no qual o aluno poderá dar o melhor de si. Contamos a elas que somos apenas estudantes de Licenciatura em Teatro, que, em se tratando de maneiras a proporcionar mais calma e tempo para as pessoas absorverem o conteúdo proposto, elas provavelmente sair-se-iam muito melhor que nós, teriam mais paciência, e uma sensibilidade materna, já muito conhecida por nós, homens, porém não compreendidas pelos mesmos. Mulheres já passam a vida se desenvolvendo para cuidarem de crianças, para compreenderem o que se passa em cada um de nós. Querendo ou não, já observaram, se não todo o dia, o desabrochar de crianças, ou até mesmo descobertas de outras pessoas sobre outras coisas que as fascinam. A admiração masculina, porém é mais voltada ao fim do desafio. A mulher não, ela quer entender como alguém chegou à determinada descoberta. A mulher quer compreender o processo da coisa, o homem anseia em chegar ao fim.

Dentro do que temos observado até agora, uma coisa chama atenção: uma constante mania de querer ter resultados rápidos diante de nossas aulas. Grande armadilha para nós, estudantes, provavelmente futuros professores. Nas aulas tivemos que, a cada dia, reaprendermos tanto aquilo que solicitávamos para elas, quanto como poderíamos fazer com que elas tivessem vontade de realizar os exercícios. Novamente, retrabalhávamos tudo. Entrávamos na eterna discussão de termos que apresentar coisas que acreditávamos serem importantes, e corrermos atrás também do que elas procuravam e queriam exercitar. As aulas não nos pareceram difíceis. Elas realizavam o que era proposto. Tentamos mostrar a elas onde podiam procurar esclarecer dúvidas a mais, que algumas já tinham antes de fazer aulas de teatro. Diante do tempo proposto era preciso que fossemos rápidos, porém quando ganhávamos tempo, procurávamos sanar algumas questões que surgiam na turma. Às vezes se distraíam, ocorrências que se mostravam que fazer teatro no Brasil ainda é um exercício de pioneiros da educação. Ainda somos analfabetos teatrais (a meu ver), ainda não aprendemos a assistir teatro, fazer teatro. Ainda na escola, que deveria ser um lugar onde somos apresentados ao conhecimento, onde fazemos conhecimento, onde mudamos as coisas, lá, ainda estamos no começo. Ainda somos poucos “os felizardos”, mas muitos “os coitados” que brigam por mais reflexão e apoio ao significado do teatro em nossa vida estudantil. Tinham ataques de riso, nada tão agravante hoje, em que estamos refletindo sobre alguns acontecimentos. No dia em que ocorriam, o sentimento era de frustração e com um pouco de raiva.

Tivemos alguns momentos, enquanto professores, que optamos mais por conversas com elas do que mostrar lhes alguma técnica ou exercício teatral. Era preciso nos acalmar, percebermos o que acontecia com a turma, esperarmos elas processarem algumas coisas, silenciarem um pouco o processo, para reavaliarmos tudo que constituía a experiência teatral. Precisávamos, também, saber e trabalhar com mais coisas que isso, precisávamos que, sinceramente, elas estivessem gostando e mostrassem isto a nós. Para novamente nos reconstruirmos como grupo que, em processo de descoberta, se encontrava aberto a conduzir cada uma delas ao processo de autodescoberta no teatro.

Era preciso ir um pouco mais além: eram mulheres que estudavam, trabalhavam, cuidavam de filhos, gerenciavam a casa em que moram. Víamos às vezes em seu semblante a marca do cansaço. Muitas também tinham problemas variados de saúde. Dissemos a algumas delas que ninguém era obrigado a fazer se não quisesse, mas era importante trazer atestado médico. Cobramos isto só num dia. Ainda não compreendíamos, e ainda não compreendemos, como lidar com quem não quer fazer a aula, com quem não pode fazer a aula. Entre ensinar uma técnica, brigar por sua aparente falta de vontade, ou refletirmos um pouco sobre o que acontecia entre elas, optamos por apostar no poder da conversa, um tempo para elas conscientizarem a experiência. Um dos nossos professores do curso, Adriano Moraes de Oliveira, nos dizia que “o teatro é como um frango assado: ninguém o come inteiro, é preciso corta-­lo em partes”. Foi isso que fizemos. Era preciso compreender que precisávamos ser mais analíticos e dar mais espaço para elas “digerirem” a aula.

Os últimos dias foram cada vez melhores no quesito participação em aula. Apesar de muitas delas terem ficado com muitas faltas em nossas aulas, de terem esquecido coisas que pedíamos a elas, do início do estágio até os últimos dias pudemos ver grandes mudanças no comportamento delas, espero que não tenham mudado apenas por que estávamos as observando, que o prazer que elas demonstraram a nós possa ser o amor pelos exercícios teatrais e comprometimento com o fazer teatral perdurando em toda a existência de nossas queridas alunas. As aulas foram muito boas. Procuramos deixá-las livres ainda de um processo que exigisse um fim, que as convidasse a exporem-se enquanto artistas a um público. Queríamos mostrar a elas o que seria o início, ou muitas vezes o que vem antes de um espetáculo teatral, antes da construção de um personagem, que seria a educação de um ator antes de seu processo criativo. O organismo, instrumento de trabalho de um ator: neutro. Aqui há um parágrafo, encontrado em uma das nossas cartilhas de teatro que diz algo que me chamou atenção:

Spolin, tomando por base os jogos de regras, cria um sistema de exercícios para o treinamento do teatro, com o objetivo inicial de libertar a atuação de crianças e amadores de comportamentos rígidos e mecânicos em cena. Este sistema de atuação, calcado em jogos de improvisação, tem o intuito de estimular o participante a construir um conhecimento próprio acerca da linguagem teatral, através de um método em que o indivíduo, junto com o grupo, aprende a partir da experimentação cênica e da análise crítica do que foi realizado. Os participantes do processo, assim, elaboram coletivamente conceitos acerca das suas atuações e da sua compreensão da linguagem teatral. (DESGRANGES, 2006, p. 110).

Foi muito o que sentimos nas aulas que demos a elas. Cada uma, através dos exercícios propostos, foi ao mesmo tempo se descobrindo, se libertando das suas próprias amarras, e se deixando, pelo menos neste momento, não se criticar diante do que descobria de si mesma, de suas variadas possibilidades. É como se, neste início elas não precisassem acertar em algo mesmo antes delas conhecerem a si próprias em seus primeiros “passos teatrais”. Daí a importância dos jogos teatrais que antecedem a interpretação, que promovem o “estado de jogo” e não uma busca em caracterizar uma forma antes mesmo de reconhecer seu próprio corpo em neutralidade. A partir da consciência da neutralidade, faz-se encontrar novas buscas que nos levem à construção de personagens a estados variados.

Sentimos um grande crescimento destas nossas alunas/colegas. No início elas não se sentiam muito aptas a fazer teatro. Porém aproximando-nos do final, diríamos graças a esta atenção à pré-expressividade, já começávamos a ser surpreendidos com os resultados que elas nos apresentavam. Se fizemos algo por elas, foi isto, as deixamos livres e em estado de jogo, antes da construção de qualquer conceito destinado à interpretação conseguimos deixá-las em estado de jogo, as fizemos exercitarem o artista que há em cada uma delas antes de dar formas que pudessem nos remeter à expressividade, sem antes elas terem descoberto seu estado bruto, de atrizes em harmonia, preparadas agora para começarem a alçar seus voos em suas próximas procuras em relação ao teatro.

Agora conseguindo gostar mais de si, ousando um pouco mais e desenvolvendo mais a força de vontade de cada uma delas, com o intuito de exercitar práticas mais e mais desafiadoras em relação ao fazer teatral. Estarão aí, se descobrindo e se desenvolvendo cada vez mais nesta busca que antes de tudo tem que vir do coração delas, do quanto elas querem de desafios e estudos de teatro em suas vidas, do quanto a arte mexe com elas e o que elas ainda querem aprender com a arte, sobre seus próprios limites, e com este grande sentimento de transcendência que as artes nos possibilitam. Conseguimos, nesta classe, plantarmos a semente do teatro em cada uma delas.

Saímos satisfeitos por, mesmo com tão poucas aulas, vermos elas nos últimos encontros se responsabilizando um pouco mais com as propostas sugeridas por nós. Que no futuro, exercitando mais e mais a responsabilidade de trilhar seus próprios caminhos, aceitando os desafios que surgirão, não temam em progredir, em desafiar a si próprias. A na comodidade lutarem por incomodar-se, e que na busca de mais conhecimentos e experiências sobre o teatro possam sóbrias agradecer as mágicas transformações destas reflexões sobre o teatro e de como este mudará as suas vidas.

**4.5 Resultado 2**

Durante nossa prática, passamos por várias fases de questionamento de nossa conduta enquanto professores e, para além, enquanto indivíduos. O crescimento e amadurecimento profissional e pessoal que tivemos são visíveis, e bastante perceptíveis, além de suma importância. Nosso entendimento sobre nossas práticas e posicionamento enquanto professores se fizeram claros durante nossas aulas, e, a seguir, em nossas reflexões finais. A aproximação com a turma, que parecia algo inalcançável, se deu de maneira gradativa. Ao fim, ficou o desejo de continuar e ter mais períodos de troca com as alunas. Se falássemos só das práticas, diríamos que não concluímos. Introduzimos. Para chegar a conclusões precisamos de mais tempo. Mas sobre nossa conduta enquanto profissionais, concluímos que nossa inserção naquele espaço demandará disposição para reformular alguns conceitos já impregnados, e construir um caminho que nos leve enquanto arte a um lugar valorizado, sensível, admirado e querido pelos alunos. Somos o começo dessa luta. Temos algum bônus e algum ônus e não sabemos identificar qual deles é, nesse momento, o mais enfatizado. Fica de nossa prática, a certeza de que existe uma resistência em nosso campo, uma resistência em quebrar os conceitos errados do que é o teatro e a certeza de que isso é possível, mesmo em apenas 20 horas aula. A conclusão aqui escrita parece até um texto que tenta motivar o leitor a acreditar no potencial do teatro. Não era nossa ideia inicial, mas isso é tão inegável que acaba acontecendo. E não achamos que seja um problema. Pelo contrário, para nós, tudo pode ser visto também como solução.

**4.6 CAPS: Organismo social?**

Este item refere-se às vivências no CAPS.

Foi realizada a prática da disciplina de Estágio III no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Castelo, localizado na Rua Lobo da Costa, 1959. O lugar é amplo, com boa estrutura, boa iluminação, sala arejada o que para nós era ótimo para o que pensamos propor a eles. Sua aparência sugere a de um grande retângulo, dividido em salas que são: um saguão ou sala de espera, banheiros feminino e masculino, sala de artes, sala de educação física, sala de costura, sala de enfermagem, sala de reuniões, sala de atendimento, sala de reunião interna e sala dos médicos. Descobrimos que, anteriormente, no lugar do CAPS havia uma escola de enfermagem. O lugar que foi apresentado foi a sala de Educação Física. A turma com quem trabalhamos recebia o nome de “Descontraídos”. Foi considerada por nós como uma turma tranquila e participativa. O número de usuários nesta turma era de 21 (pela chamada), porém 19 eram aqueles que frequentavam com mais assiduidade. A média de idade das pessoas que frequentavam era algo entre 30 e 60 anos. Na sala que trabalhamos tinha uma variedade de coisas! Rádio, colchonetes, bambolês, mesa, papel, bolas e livros. Era um bom lugar para nossos exercícios. Havia também um pátio muito bonito.

Tentamos, com isso, expressar o sentimento nas primeiras aulas que observamos no CAPS, na turma “Descontraídos”. “Organismo Social”, porque falar deles assim? Tivemos o privilégio de observar pessoas agradavelmente conversando entre si. Tivemos a impressão de que eles haviam passado a vida inteira juntos. O que nos fez ficar com uma alegria melancólica. Uma alegria acompanhada de forte tristeza. Todos eram muito amáveis uns com os outros. Não deve ser mentira eles se conhecerem antes mesmo de se encontrarem. Mesmo que eles vivam longe um dos outros, em empresas e empregos diferentes, estamos sempre, de uma forma ou outra, exercendo nossos papéis de maneira a possibilitar bem estar uns aos outros.

Existiram momentos que tivemos vontade de chorar. Sensação de que naquelas poucas horas semanais tínhamos de resolver as coisas que ocorriam na sala de aula e que não prevíamos. Forte sentimento de responsabilidade. Nova responsabilidade. Engatinhávamos no conceito do que havia de ser, se tornar professor de teatro. Sempre no início das aulas nossa orientadora do CAPS, senhora responsável pela turma “Descontraídos”, falava das coisas que eles teriam na semana ou mês. Eles tinham uma espécie de agenda: festas dos aniversariantes, ida ao cinema,etc. Era uma turma cheia de particularidades. Cada indivíduo se tornou inesquecível, mesmo com a dificuldade de decorar seus nomes, sentíamo-nos, a cada dia, como grandes professores da vida, como grandes vencedores de suas próprias fraquezas, aprendemos muito com cada um deles.

Muitas pessoas dizem, diante de certas vivências: “Deus quis assim!”, “Se passaste por tamanha dificuldade é porque precisavas vivenciar isto”, “O que não te mata te deixa mais forte.”. Pudemos ver força em cada um deles, além de fantástica aceitação das nossas aulas de teatro. Ficamos emocionados e felizes. Neste estágio, não sofremos pela diferença de idades. Não nos sentimos como indivíduos que não poderia acrescentar em nada nas suas experiências de vida. Eles nos fizeram acreditar que éramos mais uma peça deste imenso organismo, onde cada um de nós é um reagente diante de todos os problemas que, graças a nós todos, se resolvem para um bem-estar maior e coletivo.

Fica marcante este processo que nos convida a, pouco a pouco, irmos cada vez mais, despertando diante das nossas agruras e as de nossos colegas de vida, de existência. A começarmos a agir sobre nosso sofrimento. A lutarmos diante de nossas frustrações. Todos nós merecemos ser serenos! Calmos e corajosos! Que todos aqueles que passaram por nós possam, com mais alegria, consciência e serenidade não desistir de si próprios. Mesmo que suas atribuições sejam imensas e sacrificantes, que nunca esqueçam deste momento no CAPS! Quinta-feira, a partir das 13h30min. Sempre haverá alguém lá, destinado a pensar no bem estar de nossos usuários. Sempre encontraremos um tempo, para que se possa pensar além de nós próprios. Sempre haverá lugar para termos boas conversas. Sempre haverá a esperança de nos encontrarmos cada vez melhores. Cada vez mais re-exercitando o convívio com nossos colegas de existência.

Nosso estágio no CAPS foi um sonho. Provavelmente, foi também o mais cansativo, visto que,frequentemente, realizávamos os exercícios com os alunos, pois haviam muitas faltas. As conversas com eles eram muito boas, porém tínhamos que administrar de modo a não ficarmos o encontro inteiro conversando, assim não conseguiríamos observar o efeito mágico do teatro em suas vidas. Uma das coisas que percebemos em nós mesmos era grande ansiedade. Às vezes, conversando,tínhamos que descobrir uma maneira de terminar a conversa para partirmos para os exercícios teatrais, será que não é grosseria? Falta de preparo? Sofremos muito calados quando tentávamos descobrir a maneira correta de parar de conversar para exercitar teatro. Cada vez mais, esperamos a turma ir se encaminhando para o fazer teatral, o desejo de que todos se levantem e comecem a se concentrar. Cada vez era uma tentativa de não empurrar teatro “goela abaixo”, e percebemos o teatro como um “pré-texto”[[3]](#footnote-3). Fazer teatro é um pré-texto para formarmos cidadãos melhores. Assim como a conversa surge no grupo, um determinado momento chegará a hora do teatro e logo após uma reflexão consciente das partes lúdicas e expressivas que dividimos juntos. A aproximação com a turma foi rápida e intensa, em muito pouco tempo ficamos fortemente familiarizados uns com os outros.

Até o presente momento ficou o desejo de continuar a ter mais períodos de troca com os usuários do CAPS. O que demonstra que ficou um grande apego e carinho pelo grupo. Não podemos imaginar, ainda, o quanto o grupo também cresce com o fim dos encontros e exercícios. Assim como nos dizem que há uma época em que os pais não deveriam fazer tudo pela criança, sem que ela aprenda a esperar, talvez seja correto que nossos usuários aprendam a sentir nossa falta no final das 40 horas, de maneira que os responsáveis possam ver quão significativa é esta falta, esta transformação em suas vidas. Essa despedida talvez tenha sido a mais dolorosa. Foram-se 40 horas. E qual é o caminho que temos que trilhar no fim destas horas? Fomos alertados que eles se apegam rapidamente aos “facilitadores” do CAPS. E agora seria melhor renegociarmos ou justamente declarar o fim de um processo? O que seria melhor pra eles? O que seria melhor pra todos nós? É preciso mais “estofo”. É preciso mais consciência. É preciso aprender a sair da nossa zona de conforto. Ainda estamos na idade de tatear as sensações e nos defender destas, é preciso aprender a desconfiar de nossas certezas, analisá-las, precisamos “engolir” muitas verdades ainda, que nosso orgulho nos deixe, humildemente, agregá-las ao nosso ser. O quanto estamos dispostos a ouvir verdades e suportá-las para mudar nossas realidades, apaziguar o sofrimento alheio? Fazê-los criadores de si próprios? Acho que desta vez chegamos mais próximos de gerar diferentes oportunidades para cada um se realizar ludicamente através do teatro. Talvez seja importante este fim: “Trabalhamos com vocês 40 horas, este era nosso combinado, se quiserem mais teatro há outros lugares na cidade que vocês poderão conhecer”. Obedecer ao combinado! Justo agora que conseguimos nos reavaliar enquanto futuros professores de teatro? Justo agora que aparentemente estávamos acertando mais do que das outras vezes? É preciso tempo...

A conclusão é: “Quero doce! Quero o que já estava dando certo. Quero o que já conheço! Afasta-te, doce tentação!”. É preciso vê-los quererem mais. Talvez, seja preciso que eles procurem sobre! Ou apenas esqueçam-se. Tudo isso, aparentemente, me parece bom. Seria interessante vê-los assistindo às suas primeiras peças de teatro, vê-los se aventurando em suas primeiras oficinas de teatro. Foi de suma importância, como fomentador da arte, a oportunidade de ter visto tanta gente talentosa, que nunca havia visto teatro, cheia de prazer, em realizar aqueles exercícios que, com muito carinho, apresentamos a eles. Concluímos este texto com a dualidade que sentimentos também nos trazem. Se ficamos tristes por termos chegado ao fim de nossas 40 horas de estágio, ficaremos muito mais felizes encontrando estas pessoas tomando suas escolhas pessoais na procura de ir cada vez mais profundamente, reavaliando-se como indivíduos com forte potencial artístico.

**4.7 Mais Bagunça...**

Tentando esclarecer o significado de método. Se o virmos como: “estratégia, ou modo de proceder de uma determinada investigação”, podemos dizer que este método, talvez, esteja baseado na falsidade ou ironia. A estratégia vai contra uma observação declarada diante dos alunos sobre suas potencialidades. Resilientemente, vamos contra nós mesmos na tentativa de não estragar a aula nem o desenvolvimento dos alunos. Vejo-nos, professores, como uma espécie de facilitadores das inúmeras “ferramentas” que podemos disponibilizar aos alunos, de modo que cada um as escolha como preferir.

Cansa. Prestar atenção de maneira que não se sintam intimidados, ou coagidos. Desafia. Quando percebemos que eles começam a se desenvolver, ainda preocupados com o que seus pais, colegas ou professores podem vir a pensar sobre eles. É preciso dar licença para as novas mentes que estão chegando. É preciso que se esqueçam das figuras de autoridade e conheçam-se, hora caindo, hora mantendo-se de pé, hora levantando-se. De tempos em tempos,é preciso cortar aquilo que liga uns aos outros. Vezes cercados de referenciais, vezes sozinhos no processo de reavaliação; aprender com sua própria solidão, aprender a se calar.Resistir!

Nas experiências com turmas, em relação ao teatro, é o avesso, pelo menos nas séries trabalhadas, discutir grandes teorias teatrais.Não parece uma boa ideia quando se procura meios que o indivíduo tenha prazer, antes de tudo, em fazer teatro. Além de ser uma economia de tempo. É necessário mandar alguém ler vários livros, comprar outros, para que se descubra que não gosta de subir num palco, decorar textos e interpretar um papel?

Mesmo assim, a inserção de cada um na experiência teatral deve ser forjada de maneira pura e, provavelmente, diferente para cada um. Com o passar do tempo, praticando os variados exercícios, veremos o nascimento ou encontro de cada um com o seu modo de compreender e expressar-se através da arte cênica.

De vez em quando, a teoria pode prejudicar o crescimento do aluno na arte. Defendemos o desenvolvimento gradual do “artista” (tendo consciência que não são todos alunos que, provavelmente, escolherão viver de cultura, de arte), tanto em sua produção, quanto em sua maneira de pensar sobre a obra. Estas duas partes estão sempre em discussão e diálogo. Em um momento há indivíduos que apenas sabem fazer teatro e outros que apenas aprenderam a pensar teatro. Somos partidários desta briga onde cada lado acaba se manchando com o “sangue”, “baba”, “suor” e outros fluídos ou excrementos do outro. Havemos de, nessa imensa porcorificação, observarmos a tentativa de unir a teoria da prática. Apresentamos nesta ordem, pois o cidadão, depois de dominar a teoria, pode voltar a reaprender a esquecê-la ou escondê-la de modo a se colocar em ação. A agir diante dos outros. “Mas aí você me confundiu, tinhas dito que preferiria que as pessoas se jogassem no palco antes de pensar sobre o teatro”. Sim. Simplesmente, não foi informado que há também a teoria da prática. Dificílimo de desenvolvê-la, mas muito desejada de ser encontrada. É quando encontramos uma pessoa que, trabalhando com metáforas, com um falar simples, consegue fazer-nos entender as coisas, de maneira natural, e, que às vezes, pode não ser encontrada como uma lição assim em nenhum livro pedagógico ou científico existente. Tentemos lembrar do que descobrimos hoje! Teoria! Prática! Teoria da prática! Já a prática da teoria, hoje, não acreditamos nela, pois temos que entrar em cena sem nada esperar, a prática da teoria talvez só exista quando, depois de compreendida, nos desfazemos dela antes de entrar em cena! Discutir sobre a prática da teoria poderá se tornar grande bagunça, porém a busca desta é caracterizada por pequenas “leis” que, quando ouvidas, criam o desenvolvimento de um trabalho de cena que não pode ser concebido antes mesmo de entrar em cena. Seguimos apenas normas, cada vez mais difíceis de serem requestionadas.

**5. Pensando sobre eu**

* 1. **Ode à Pureza**

Deve, agora, haver mais retalhos. Quando a mente foi apresentada a mais um nível de consciência. Ano após ano aprendemos algo que nos surpreendia. Saíamos das salas de aula ou maravilhados com alguma descoberta, ou chorosos pela sina que a aulas começavam a acometer sobre nosso destino, ou ainda pior, desavisados e sonolentos, logo após aquele período em que o professor havia explicado algo, enquanto alguns de nós quase cochilavam.

Ser quieto e solitário em alguma época da vida pode ser sinônimo de burrice: “Olha lá o Caladinho”, “Olha lá aquele ali, sempre sozinho”. Antes deste texto, a infância perecia ter sido pura. Às vezes, pensamos ser únicos.

Quando se teve uma adolescência intelectualizada, parece fácil descobrir coisas. Analisá-las até chegar conceitualmente à sua menor forma. Mas com o início de uma “pseudo adultez”, a realidade parece tumultuada. Eram normais ideias como acreditar ser um grande ator, de sensibilidade ímpar, correras noites todas, sem sentido diante daquilo que julgavam ser natural: “Festas”. Neste caso, mais velho no meio do nada. Numa cidade que representará, na vida, tudo. Ficara fazer coisas erradas escondidas, a andar onde não se conhece e a se sentir livre, tudo isso como parte de um processo natural de amadurecimento.

Entrei neste curso com a idade de quem, cronologicamente, já devia ter saído. Senti-me a mudar meu mundo, a pensar profundamente em coisas, em teorias, em pessoas que não conheço e lugares que jamais irei. Dia 5 de outubro de 2015. Pelotas. 23h10min. Lendo o que me foi solicitado uma semana antes pelo meu professor orientador.

Poderia explicar tudo que deu errado nestes últimos dias, agora me vejo, de novo, me resolvendo horas antes de nosso encontro. Leio os textos, pouco os compreendo. Trabalhos sobre autobiografia, cartografia e outro que tratava sobre a relação professor e aluno no aprendizado. Li e acredito que assimilei um pouquinho do conteúdo apresentado. Nesta noite tudo que queria era não ser feito de retalhos. Queria fugir das citações. Quer lê-los? Vá... Leia de uma vez. E os ponha em seu devido lugar. Hoje resolvi fugir. Quero dizer não! Não às citações. De um jeito que minhas partes me façam acreditar que estou completamente junto.

Passei minha vida inteira achando que era único. Numa existência única. Escolhas únicas, falando ou pensando em coisas que só diriam respeito e teriam real significado em minha existência. Para aqueles que me conheceram. Hoje, fugindo das citações, encontro mais pedras em meu caminho. Mais entraves que me impossibilitam, nesta noite, de acreditar em minha unicidade. Palavras.

Quem fala português brasileiro deve estar me entendendo, e sua compreensão me ofende. Passei anos acreditando ser único, para começar a falar com as pessoas e estas, excluindo meus erros de português e palavras mal escritas, me compreenderam! Até agora só me vejo, originalmente, fugindo ou preguiçosamente não realizando as famosas pesquisas Qualitativas e Quantitativas. O que viria a ser uma tentativa infeliz (pensei que era só eu, mas outros pensam nisto também) de analisar os seres humanos. Infame sonho de transformar a humanidade em objeto. Com o tempo, estudos teóricos sobre a Cartografia vem a tentar reencontrar o indivíduo e o campo de estudo, de maneira mais humana:

cartografia, uma prática geográfica de acompanhamento de processos em curso que, mais do que de um traçado de percursos históricos, ocupa-se de um campo deforçasno seio mesmo dos estratos. Proposta enquanto caminho errante por Deleuze e Guattari (1995), a cartografia se oferece como trilha para acessar aquilo que força a pensar, dando-se ao pesquisador, como possibilidade de acompanhamento daquilo que não se curva à representação. (...) Entre sua definição enquanto método e a recusa a qualquer pretensão de sê-lo, a cartografia apresenta-se como procedimento de pesquisa que exige do pesquisador posturas específicas. Convoca-o para um exercício cognitivo peculiar, uma vez que, estando voltado para o traçado de um campo problemático, requer uma cognição muito mais capaz de inventar o mundo. Trata-se de uma invenção que somente se torna viável pelo encontro fecundo entre pesquisador e campo pesquisa, pelo qual o material a pesquisa passa a ser produzido e não coletado, uma vez que emerge de um ponto de contato que implica um deslocamento do lugar de pesquisador como aquele que vê seu campo de pesquisa de um determinado modo e lugar em que ele se vê compelido a pensar e a ver diferentemente, no momento mesmo em que o que é visto e pensado se oferece ao seu olhar. (AMADOR e FONSECA, 2009).

Simples: “Leia meu trabalho e diga que vim de Bagé”... de Ribeirão Preto... da Inglaterra... da Holanda... Cada vez mais desencontros nas tentativas de nos tornarmos comuns em algum lugar do globo, e talvez até originais para os que ainda estão desavisados. Perfeita Ironia. Outros dirão sobre nossos trabalhos: sejam originais! Sejam criativos! Por que não falam isso no nosso primeiro dia de aula? Hoje. Eu, que só penso e tento me enquadrar, que ponho em xeque minha possibilidade de voar, com aqueles que vieram antes de mim e que leram, mais ou menos, o mesmo e até mais que eu, surgindo em minha vida para me indicar os “famosos retalhos conceituais”, para eu copiar suas máximas e me sentir agregado e “único”, ou para livremente encontrá-los em minhas pesquisas, para acabar me vendo em um pequeno e determinado setor da sociedade, “iluminado”. Escrevo deprimido e com desprezo (talvez seja inveja de escrever de uma forma que ainda não domino), porém de modo a todos compreenderem as palavras e talvez os sentimentos que aqui se encontram. Talvez o texto como um todo esteja mal escrito. Para aqueles que conhecem as regras textuais brasileiras. Bom. Não melhor do que tentar tornar comum todo meu repúdio temeroso e rotineiro de todas as formas sociais, que maquiam tudo, que me leve a ser igual aos outros na vida, dizendo a cada um de nós frases e adjetivos que já conheço, para que possa dormir e acreditar que minha vida, textos e pensamentos serão uma revolução nas mentes daqueles que hão de surgir depois de mim. Ou simplesmente significativas a este bolo de informações, que lemos diariamente em nossas vidas. Há de ser na menor das hipóteses... Diferente?

Como no texto de Hossein (2009) – penso acrescentar a minha reflexão, alguns teóricos que ela apresenta e que me tocaram diante das coincidências que tive neste processo de reflexão. Neste processo de busca de identidade e compreensão sobre as experiências da vida, hoje venho a acreditar em Ciampa (apud HOSSEIN, 2009) que construindo um olhar sobre a construção da identidade afirma que a identidade é como metamorfose, como movimento. A identidade é um processo que se verifica durante toda a vida da pessoa. Fiquei muito feliz com tal afirmação. Espero que o mau humor que invadiu minha mente nesta noite, seja apenas passageiro, como as conclusões que tentei chegar neste texto.

Percebo outra conceitualização que me deixou muito feliz, refere-se à memória. A memória aqui nos permite retrabalhá-la, a vê-la como memória individual, não obstante imbricada às relações vivenciadas – sociais e culturais – e por elas informada – significada - resignificada, desde que o sujeito, ao rememorar fatos e situações, lhes imprima significação singular (BOSI e THOMPSON apud HOSSEIN, 2009). E ao final deste ímpeto de inspiração acabei por encontrar o conceito de narrativa que sem perceber fui ensaiando com meu orientador enquanto entre a ansiedade e a produção de meu trabalho este me encaminhava rumo a me acolher e me propor novos desafios. Segundo Jovchelovitch e Bauer (apud HOSSEIN, 2009) é por meio da narrativa que as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis implicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Que eu possa, a partir destes pequenos pontos de vista, remodelar-me enquanto eterno ser em metamorfose, de modo a reencontrar-me em meu passado o resignificando, comungar minhas experiências a partir dos fatos e sua historicidade que marcaram minha vida como ser humano. E que cada vez mais o procedimento científico em transformação possa voltar a fazer as pazes com a humanidade.

Também podemos pensar a narrativa como meio de ampliar a consciência em relação a vínculos e práticas sociais, pois ela possibilita uma forma de (re) pensar essas relações, o que pode redirecionar a compreensão do mundo. Isto, porque, como nos ensina Alarcão (2001), a narrativa traz em seu bojo um processo interpretativo, que permite uma releitura do vivenciado e experimentado, resultando em uma tecedura entre o que foi e o que está sendo. (HOSSEIN, 2009).

**5.2 O Distanciamento Próximo**

Uma lembrança geral no curso Licenciatura em Teatro que marcou muito é o que hoje chamamos de “Distanciamento Próximo”. O que significa esta expressão? Ela refere-se ao comportamento percebido no curso anteriormente citado, observado em relação aos professores, de abarcar e compreender as dificuldades do aluno e seu modo de agir de maneira a educá-lo sem necessariamente ter que lhe ser explícito nas formas de educá-lo e ou mudar seu comportamento.

Essa maneira de agir, ou esta invenção linguística, criada por este autor, vem de modo a depositar fé na metodologia de observar os professores, é um procedimento muito bonito. Que antes de tudo age de forma a promover a confiança no desenvolvimento do aluno, sobre o que os professores representam a estes. O que é confiança?

Confiança é o resultado do conhecimento sobre alguém, da informação e de um sistema de inteligência. Quanto mais informações sobre quem necessitamos confiar, melhor formamos um conceito positivo da pessoa é o que Sun Tzu chama de confiança no desenvolvimento da guerra, sendo fundamental, para a sobrevivência do Estado o chamado Sistema Nacional de Inteligência. (SUN TZU, 2011).

O ensino torna-se muito mais difícil quando abdicamos de uma maneira de proceder baseada no intelecto e procuramos forjar os alunos baseados na ação. Para isto, devemos proceder de maneira complementar. O que observamos é que, às vezes, sinalizar o erro no comportamento do aluno não promove a mudança que esperamos, porém enquanto não descobrimos a maneira que vamos intervir no que deve ser mudado no aluno nos propomos a fortificar seu ego e o que ele já faz bem acaba por aumentar sua confiança e possibilita que ele esteja mais preparado para através do comportamento reavaliar-se e com o tempo mudar aquilo que se apresenta ainda reprovável ao olhar dos mestres.

Se acharmos que um(a) aluno(a) é preguiçoso e diante dos desafios propostos ele já não poderia apresentar determinada maneira ou qualidade no agir e nos desafios que lhe são propostos. Não digamos que ele é preguiçoso. Simplesmente, respiramos fundo, talvez sem que ele perceba diminuímos nossas expectativas de maneira aparente, procurando algo que ele faz bem e promovendo uma avaliação que lhe traga menos ansiedade mesmo que este se apresente ainda não interessado no objetivo formal do conteúdo, apresentamos, nestas pequenas vitórias e lhe trazemos confiança através do que este já faz bem.

Isto é, esta pequena observação diante de experiências teatrais não possui nenhum fundamento científico. Nem se pode pensar em como poderíamos fundamentá-la de maneira a apresentá-la como ferramenta existente no proceder dos professores em relação a seus alunos, uma vez que não somos, ainda, professores de fato e pouco refletimos o que deveria ser como aluno. Só percebemos na pouca experiência que temos com alunos que às vezes diluindo, descontraindo, ou aplicando analiticamente um proceder que poderia se mostrar mais complexo,conseguimos promover na sala de aula um sentimento mais otimista em relação a agregar conhecimento aos nossos alunos, do que de maneira maçante querermos que estes nos apresentem uma resposta mais complexa em relação ao solicitado, podendo assim se mostrar ineficiente em relação a nosso objetivo.

Se quiser que eles melhorem a expressão corporal e eles são tímidos, não os coloquemos a improvisar na frente de outros colegas, seria um desafio mais complexo. Eles teriam que entrar na cena sem ter ideia do que iriam dizer, teriam que se movimentar, criar um elo com este outro colega, apresentar a outros colegas e ainda por cima ao professor. O que fazer? Talvez, leva-los a exercitar movimentos através do método de Laban. Este trabalha com níveis e com possibilidades de o aluno se conhecer e por em prática desafios corporais e possibilidades expressivas de maneira menos preocupante a nossos alunos. Eles estariam cada um em determinado espaço da sala, desenhariam no chão o que seria sua frente, costas, lados, talvez também o que há entre esses lados e a partir de um processo mais voltado a si próprio desenvolveriam possibilidades corporais com partes de seu corpo, desafiando-se a exigir de si movimentos não reconhecidos no dia-a-dia de um indivíduo que não reflita sobre a expressão de seu corpo. Aqui não haveria outro colega, ele não seria assistido por seus colegas ele não se preocuparia em improvisar e sentiria muito pouco o professor o observando. Analisando os exercícios logo após, trabalhando outras exigências ele estaria mais preparado para ousar em exercícios onde o desafio e complexidade são maiores, se dermos mais atenção à tentativa de acompanhar cada aluno e suas pequenas vitórias, aparentemente distantes de seus processos, provavelmente começarão tensos, mas tais exercícios com o tempo trazem muita descontração àqueles que o realizam.

Estudemos, portanto, nossos alunos e, os conhecendo, proponhamos desafios que possam vencer e não coisas das quais tenham grande dificuldade, analisando, assim, cada aluno e criando as aulas de maneira a possibilitar pequenas vitórias estaremos trazendo otimismo em seus corações e não constrangimento que só trará mais e mais resistência ao exercício do fazer teatral.

Num processo mais intelectual, as descobertas tendem a ser cansativas para aqueles que já conhecem muitas coisas. É preciso, então, que mostremos novidades em relação aos assuntos já conhecidos por todos, maneiras novas de vê-los.

Já entrando de acordo com discussões e reflexões anteriores, queremos que façam algo por estarem sendo obrigados? Ou queremos que aprendam um ofício? É importante ensiná-los a amar a arte e quanto mais agirmos de maneira analítica mais poderão agregar responsabilidades a cada pequeno desafio que se apresenta no fazer teatral e que quando tivermos oportunidades de vê-los agindo de maneira total e completa no fazer teatral, observaremos que de fato valeu todo o tempo que tivemos encorajando-os enquanto “engatinhavam” neste grande desafio que o teatro nos apresenta.

Que de tempos em tempos possamos, cada vez mais, a partir da confiança, observarmos o quão além nossos alunos se colocarem a novos desafios. E que, se em alguns momentos se encontrarem inaptos a seguirem novos riscos, possamos estar preparados para observarmos e lhe darmos a sugestão correta, trazendo-lhes força e perseverança, para que consigam mais uma vez vencer suas lutas.E que um dia se possa realmente, já os sentindo preparados e com nossas lições introjetadas lançá-los rumo ao desconhecido libertando-os desta relação professor-aluno, convidá-los a conhecerem o que ainda é estranho a eles.

**5.3 Um pouco mais sobre mim**

Preciso ter mais paciência e humildade.

Ainda serei pego contra mim mesmo.

Serei guilhotinado por meu próprio orgulho.

Farei a cena tão bem, que preferirei, um dia, que quem a assista venha me dizer acreditar que ela realmente tenha ocorrido.

Será meu doce declínio a convite de uma necessidade honesta, querer fielmente viver tal ocorrido com a mais profunda verdade.

É preciso querer não pensar, esquecer-se de querer, é preciso se recriar.

Negarei, um dia, defender meu personagem fascista? Seus ideais? Serei mal falado diante dos críticos por estar a não mergulhar profundamente sob esta tal realidade? Aquela que me desafia? Que chamo de trabalho?

Fraquejado e indeciso, sairei do teatro ou da cena porta à fora, desejando não estar mais lá, choramingando com as roupas do personagem e esquecendo minha bolsa, carteira, celular?

Quererei nunca ter estudado teatro. Toda vez que me apresentar a desconhecidos deverei dizer que o que faço é apenas reproduzir uma cena, dentro de um personagem e uma situação, que mesmo sendo criado por mim próprio não corresponde ao que sou e vejo a mim próprio como pessoa.

Fraquejado e indeciso quererei que o malandro não fume, não beba e não cobre dinheiro das mulheres de vida fácil. Quererei que meu personagem só, não pese tanto quanto a mim próprio, pois nunca me imaginei indo ficar meses em um SPA na tentativa de perder peso para elaborar melhor este outro criado por mim.

Quando estiver, eu, caro artista, sozinho...

Pegar-me-ei e me entregarei à melancolia ao pensar sob a gravidade das cenas, à tristeza e à aparente inutilidade de meu ofício.

Quando estiver, eu, caro artista, sozinho...

Pegar-me-ei a dar os textos dos outros, a beber e fumar escondido, a chorar sozinho, a me confundir entre os verdadeiros malandros, me confundirei a não me ver envolvido amorosamente com as verdadeiras putas, estas que tirando de mim meu dinheiro, se entregarão aos verdadeiros malandros. Proclamarei minha interpretação santificada a tudo que acredito que conheço e verdadeiramente não conheço, e que mesmo assim me derruba, ao refletir sobre esta tal realidade aquosa, diluída e não menos potente do que vivendo, não me deixa conhecer, ou não, ou nunca me apresentarão.

Eu! Um doce e santo malandro e/ou malandra.

Pois como dizia aquele mago de filme para crianças, naquela escola que profundamente escondo meu desejo de querer nela estudar: “Porque as coisas ocorrem apenas em minha mente não quer dizer que não aconteçam verdadeiramente.” Vereis todos, os meus todos, os outros, que agora também são meus, adormecidos no grande terror que a arte convida a todo estudante conhecer. As dores dos seres e do mundo.

Não é o fim, é o início de uma série de experiências, tanto teóricas, quanto práticas, me colocando novas discussões onde me oportunizam refletir e fomentar ideias cada vez mais íntimas e comprometidas sobre o fazer teatral. Minha pequena colcha de retalhos, ainda mal estruturada propositadamente na tentativa de dar movimento à criação e pensar do artista em seu dia-a-dia. Ainda dependente de pontos de vistas de outros, em algumas citações, ainda inseguramente reticente, diante de como os conteúdos são desvelados em minha mente, neste curto período que hoje chamo de vida. Pouco calejado de um trabalho, esforço e entrega mais autoral, mais intrínseco a mim próprio, pouco experiente em estar atento a si. Ainda inebriado diante deste começo de processo, e pensar que tenta acompanhar o fim lógico de um final de curso superior. Ainda ligado ao processo racional que provém da análise e do vislumbre de meus alunos de estágio, buscando antes de tudo mergulhar junto à profundidade dos seres que sou! Cada um deles. Conhecer a mim e aos outros “eu”. Aprendendo a sentir a mim enquanto pessoa e artista. Esforçando-me a entregar-me diante de minha própria visão de mundo, neste exercitar teatral que aos poucos vão me permitindo escolher e seguir meus próprios caminhos. Que aos poucos vão me dando a responsabilidade diante de meu comprometimento com meus primeiros passos neste ramo cultural e científico da humanidade.

...

Às vezes diante da profundidade de minhas experiências, é preciso me desentender... Reavaliar-me... Às vezes, pelo amor de Deus... Direi que sou só um artista... Isso não é real? Isso não há de ser real?

Às vezes quero pedir licença e dizer que: “meu mundo interior só basta a si próprio...”.

Esquecerei ou não quererei que assistindo minhas cenas, não me sinta, tocados pelo desempenho do artista, não quererei que, por segundos, não me confunda todo entre o que é arte e realidade?

Às vezes, não vou querer não acreditar, pois, tenho prazer naquilo que realizarei nas cenas?

Às vezes não chorarei escondido e não vou também me defender dizendo que sou apenas um artista?

Os trabalhos não hão de me derrubar e não rezarei sozinho clamando para não realizar tais cenas? E mesmo assim a contragosto irei lá as realizar?

Não haverá vezes que me pegarei sozinho tendo que me acalmar e dizer: “Isso não é real”.

Não me surpreenderei a, em cena, ofender meus colegas de trabalho e logo depois ficar necessitado de pedir a eles desculpas e a enchê-los com grandes demonstrações de afeto?

E nessa grande bagunça emocional que é interpretar um personagem e viver uma vida normal ficarei tentado a me explicar... Sou apenas um ator e isto é o que chamo de trabalho.

Conseguirei, a cada dia, me tornar mais responsável de meu trabalho ou ainda irei me agarrar às experiências daqueles que admiro?

Quando me pegar a balbuciar ora opiniões de uns, ora de outros, serei humilde o suficiente para lembrar-me de seus nomes? Suas derrotas e vitórias?

Aqui, nestes poucos minutos, estou apenas a problematizar, mais um pouco, o dia-a-dia da vida de um eterno estudante de Artes Cênicas, um futuro Licenciado em Teatro. Um grande desabafo sobre impressões, vivências, mais do que alguma certeza no que há de mais instigante e obscuro no fazer teatro ou até o que é considerado inaceitável neste caminho a se trilhar por indivíduos que se colocam a pensar e a refletir sobre suas mais variadas experiências.

A minha certeza é que o que há de mais instigante no estudo do teatro seja ouvir o encontro deste caminho em minhas vidas, as decisões trilhadas por mim, de modo a compreender a importância da arte e seu valor em minha vida, o meu comprometimento sobre as escolhas tomadas.

Penso em tudo o que sacrifico para poder experienciar o fazer teatral, tudo que ganhei fazendo teatro e toda nossa sensação de pertencimento a um grupo que me deixa pequenino em relação à vida, simplesmente encontros que não teria se não fizesse teatro.

Que possa, com o passar dos anos, me dedicando a este ofício, cada vez mais, relativizar e me tornar mais sábio, seguro diante de minhas experiências teatrais e possa inspirar aqueles que me cercam. Que antes de procurar resultados, que eu procure também boas relações em meu ambiente de trabalho, que fique cada vez mais consciente dos esforços forjados na procura de suscitar novos embates, novas lutas, diante das grandes interrogações do ser humano diante do significado de sua existência.

Que eu abrace com muito amor e coragem os desafios que, enquanto artista, assumi comigo com o intuito de sempre reavaliar-me como ser mundano,fantástico e ideal.

Que eu pense muito antes de falar mal daqueles artistas ou daquelas experiências que problematizam e chocam meu viver. Que eu possa reverenciar também o que é novo e tente nunca esquecer que também já fui um iniciante, que eu tente sempre discutir, sem nunca esquecer aquilo que me parece digno de ser infundado. Pois existe sempre algo realizado por mim mesmo, ser humano, que pode ser descoberto de maneira nova e que outras lembranças possam ser dignas de esquecimento.

Que tente sempre me colocar aberto também à discussão e à reavaliação dos valores que minha vida me apresenta.

Coloco-me a pensar teatro. Justamente por me ligar à sua discussão relativa. Viver a vida através de um ofício que exercita a representação de outro criado por mim próprio, “que não é de fato eu” (pelo menos era o que me diziam), mas me convida a, vivendo-o, refletir sobre o eu próprio.

A revolução de uma cena, ou o crescimento de um ser que se debate na busca por querer progredir, aprender teatro e, por que não, por alguns que querem deixar de ensaiar? Improvisar mais, discutir o íntimo e o público de maneira cada vez mais sutil, incoerente àqueles que o assistem ou acreditam o conhecer. Por que teatro também é partida, fim, estranhamento.

Querer aprender teatro, querer amar teatro, sair do teatro, talvez esquecer um pouco daquele personagem, lembrar um pouco de si e se ver como o antagonista daquilo que criaste? Ou sofrer por ver muito de si daquilo que forjaste e tenta mostrar aos outros seres, apenas fruto de meu trabalho enquanto artista cênico. Elaborar as diferenças entre o “eu”, o outro “meu colega”, aquele “meu personagem” e aquilo “o estranho que invade o corpo de meu colega de trabalho”. Separar-me para conseguir acertar, hora em cena, hora nos ensaios, hora depois dos ensaios, hora quando o trabalho me convida a amar e admirar meus colegas, ou quando brigamos e deliramos nunca mais precisar nos vermos novamente. Até que, com o passar do tempo, só nos reste o vazio. Vazio de nosso oficio, vazio de nosso trabalho, vazio de nossos amigos de trabalho, vazio nas festas, vazio até naqueles amigos de infância que sempre nos perguntam: ”Continuas a fingir que é outro, ganhas ainda pouco para viver, para quê?”, “Eu que tenho apenas uma vida já a acho cansativa, você que vive de criar outras não hão de lhe cansar?”. Mas nunca sair do caminho. Seguir trilhando para onde nossa loucura nos leva.

Vejo-me hoje em um dia muito especial, pode ser que me torne um professor de artes cênicas apaixonado por pessoas, louco por grupos. Vejo-me como professor, pois pretendo respirar junto com meus alunos. Quero secretamente os parabenizar a cada novo esforço em se colocarem dispostos ao exercício teatral. Quero estar lá em seus primeiros desafios, ainda os convidar a não ficarem preocupados em acertar. Quero vê-los vencerem a si próprios, quero que leiam ou ouçam as críticas de seus trabalhos com silêncio e maturidade, porém que também não as levem muito a sério.Quero que pelas suas conquistas sempre ganhem a oportunidade de seguir adiante neste grande caos que é amar e aprender a fazer teatro.

Encanta-me o nervosismo, me encanta o que ainda não consegue ser realizado, muito mais me importa o que já foi realizado, posso estragá-lo com a aura de excesso de confiança. Aquilo que consigo fazer, o faço às vezes tão bem que até posso esquecer que o faço, podendo destruir uma cena inteira com a falta de atenção diante do desafio que é viver durante anos a mesma cena com o frescor daquilo que deve ser novidade. Já as dificuldades me provam que: ainda não sei de tudo, que ainda há muito a ser pensado, exercitado e compreendido. Às vezes ganho muito mais com as dificuldades do que com o que já faço bem. Minhas dificuldades me sensibilizam muito mais que minhas habilidades. Colocando-me fragilizado diante de minhas dificuldades, elas, com o tempo, vão me guiando de modo a chegar à compreensão, talvez no mínimo mais abrangente, com o passar dos tempos.

1. **Considerações Finais**

**“***Erro.*

*Admito.*

*Aprendo”.*

Shakespeare

Senhoras e senhores! Este trabalho de conclusão de curso começou de maneira séria e comprometida em relação a grandes indivíduos da civilização que deram muito de suas vidas auxiliando, organizando e pensando sobre o ser humano. Foi um trabalho difícil de ser feito e que mostrou o quanto ainda resistimos ao mesmo tempo em que buscamos e são admiráveis as verdades já descobertas pelos nossos antecessores. Sempre foi muito marcante a frase que diz: “Só sei que nada sei”, porém, quando nos colocamos a frequentar estes lugares em que somos convidados a pensar, todos nós queremos dizer verdades, todos nós queremos dizer que sabemos. Todos nós queremos dizer que já lemos sobre determinada coisa, todos nós queremos estar conectados às grandes personas que atravessam o tempo com seu conhecimento e sabedoria. Eu fiquei novamente preso a este pensamento, como se a filosofia estivesse toda calcada nesta frase, como se ninguém conseguisse sair desta afirmativa. Erro meu. Na própria filosofia existem outros indivíduos que mostram que sabem! Que tudo sabem!

Eu continuo tocando meu disco arranhado. Continuo na fantasia de acreditar que estou progredindo quando me vejo à mercê do mesmo pensamento. Sem nenhuma estrutura. Sem síntese, sem antítese, sem final. Encontrei-me em alguns momentos tentando dialogar com alguns indivíduos de renome. Fiquei deslumbrado, perdi o norte e muitas vezes acabei colocando muito pouco do que sou. Maresiado[[4]](#footnote-4), inebriado pela oportunidade de me ver detentor dos grandes saberes e conhecimentos. Fiquei revoltado, fiquei convencido, fiquei cheio de mim. Um “mim” fracamente estruturado, um “mim” que ainda não se conhece. Um “mim” que não tem noção do que é ou representa. Como dito no início deste trabalho, tento apenas silenciar, falo pouco e ainda falo mal. Falo coisas que não acrescentam, na tentativa ainda ingênua de me encontrar em harmonia com os outros. Queria ter produzido mais em meu trabalho, queria ter sido mais maçante e coeso. Queria conseguir aceitar tudo que os outros falam, queria estar de acordo com os grandes gênios de nossa humanidade e que estes, pela noite puxando meu pé e fazendo com que eu esquecesse meus pesadelos, dissessem: “tem coisas que você diz que são pertinentes”, “você está chegando e conseguindo tornar-se, de maneira digna, o que esperávamos de você!”, “você está chegando no âmago de discussões, que apenas você poderá respondê-las a nós”.

Foi assim que este trabalho foi se transformando. Fugindo de cientificidades e virando arte. Virando poesia. Virando ficção. Virando insatisfação. Virando choro. Ainda não devo estar pronto, ou talvez não seja eu ainda que conseguirei falar e retratar a realidade daqueles que são mais próximos a mim. Talvez mais parecidos comigo. Quase sempre misteriosamente inaptos a conhecer e sustentar as grandes verdades do mundo. Mas é assim! Tem gente que diria: é típico de pessoas como você. Isso que apresentas a nós é seu jeito de ser. Como se pudéssemos, ou como se alguém realmente quisesse, existir para ser si próprio. Não passamos nossa vida inteira querendo ser vistos, aceitos, desafiados? Onde navega este pensamento, esta maneira de compreender, que pode tanto elogiar quanto desmerecer simplesmente por conseguir expressar, por conseguir desvelar o si mesmo? Que luta é esta que me persegue na tentativa de simplesmente eu encontrar a mim mesmo? Como tem vezes que me ofendo e vezes que feliz me sinto lisonjeado em ter vencido algum desafio, que me dê coragem e força neste eterno caminho, o do autoconhecimento?

É... Ainda não cheguei a lugar algum. E não foi por causa do curso. Muito menos pelos grandes mestres que conheci e aprendi a respeitar. Foi talvez pela minha inaptidão de levar as coisas de maneira mais séria. Foi pela minha incapacidade de ver as coisas como são. Foi pelo tormentoso desafio de minha inexpressividade opaca. E nesta opacidade reprimida recaio novamente no erro de querer expressar coisas sem profundidade. Querer acertar a algo ou alguém que não precisa ouvir minhas apelações cabotinas. Minha inabilidade em ser o “eu”, de acordo com tudo que nós todos conhecemos, nos identificamos, nos mostram ser o correto. Ainda sedento desta miragem que é querer ver a si. Sem nos cegarmos.

Diante de tudo que posso ser, diante de todas as maneiras que possa agir. Abdicando, logo após grande reflexão, de qualquer conversa exibicionista que tem a

única pretensão de fazermo-nos parar no tempo. Concebendo o conhecimento com a alegria disposta a fazer diferença diante daqueles que ainda não conseguem agir. Pois devemos procurar conhecer as coisas! Entendê-las para sabiamente modificá-las! Para, se for preciso, também estagná-las por algum tempo? Grande desafio para aqueles que tiveram oportunidade de pensar sobre variadas coisas! E quando fores convidado a resolver algo? É possível apenas mostrando nossas referências bibliográficas? Sofro por aqueles que ainda se mexem no caixão! Nada é meu. Minha alienação talvez me convide a reconhecer aqueles que vieram antes de mim. Quanto tempo levará para algo realmente ser eu? Vamos fazer os mortos não descansarem. Os vivos terem que desconversar enquanto são obrigados a resolverem o que dizem que não sabem. Pois haverá de ser cada vez maior o inferno quando tiver que aprender a desconfiar de tudo. E a justiça será cada vez mais tenebrosa quando nunca conseguirmos visualizar aqueles que a tornam única, necessária e disforme. Quem será convidado a perder sua “vida” na burocracia e na invisibilidade dos julgamentos? Quem se perderá ainda mais quando descobrirmos que ainda erramos? Quem se jogará à percepção medíocre se tornando o forte que nada sabe, ou o inteligente que não consegue fazer valer suas certezas? Quem abdicará da poesia, das frases de efeito quando realmente tentarmos comungar da realidade apresentada a todos nós? Quem deve aprender a sofrer calado e,esquecendo-se de tudo que nos cerca, compreender que tudo já esta dentro de nós? O que é preciso aprender para ser único? Assim como todos os outros? Quando, temendo, aprenderemos a nos escondermos? A fugir, a sair do mundo de nosso criador? Sejamos humildes. Texto desconexo. Texto delirante. Texto excentricamente evasivo. Resultado da não compreensão de se tornar uma pequena parte de um mundo gigantesco, de um sistema. Então! Sucesso! Ficção mirabolante que mexe com discursos ouvidos e não realmente pensados, não refletidos, pelo indivíduo considerado mediano pela sociedade.

Teimo ainda e sinto: O que vale não é o conquistado, mas aquilo que pode ser passado à frente, o autoconhecimento é importante em relação às descobertas estas que não devem ser ensinadas. Que consigamos aprender muito mais com o silêncio do que com as palavras. Muitas vezes diante da ignorância nada podemos fazer senão aceitá-la. Comungar nas trevas faz com que com o passar do tempo enxerguemos nuances. As nuances, quando existem, nos chamam atenção nos convidando a observar uma e não outra. Quando passamos a reavaliarmo-nos e enxergar melhor a escolha, descubro o quanto ela fala de mim, se comungo de pontos em comum dou mais um passo à frente, de modo a compreender que em determinado momento alguém ficará atrás. Nossas experiências trocadas como histórias não surgem para nos vermos como iguais. Conversamos para ver quem está pronto para agir diferentemente. Acertamos para aprendermos a distanciar. Por isso tento não obedecer aos que já foram, por isso minha dor e sofrimento de andar na escuridão para lhe ensinar a ver com outros olhos. Para que se responsabilize no que será teu. Para que aprendamos aqui. Deixar-nos uns aos outros em paz.

Impressões! Trabalho de Conclusão de Curso que me serve como início de uma nova fase, logo após o término deste curso. Perguntas e exercício de pensar de maneira singela sobre questões que surgiram para me fazer questionar sobre, partindo de uma análise, partes constituintes do fazer teatral. Trabalho eternamente sem fim. Exercício organizado de maneira a se tornar aberto. Processo desafiante de modo a apresentar, sob “autopressão”, o que se apresenta relevante em meus exercícios de reflexão sobre o teatro. Exercício que se torna passado. Trabalho que se torna obsoleto. Tristeza que se apresenta diante do luto desta apresentação diante dos mestres. Angústia na tentativa de querer ser reavaliado diante do que este fim me convidará a seguir em frente, diante de novas perguntas e resoluções. Por que agora? Por que tão rápido? Apego. Admiração diante de cada indivíduo encontrado na época deste curso que, se tornando significativos para mim, me convidam a sentir pesada saudade. Que, diante de seus pensamentos sobre a vida e o teatro, me dão força para tentar voltar a caminhar solitariamente. Com nova bagagem. Forte medo diante do que ainda há de vir. Sobre inseguranças e sobre o que ainda está a se resolver. Tento não pensar no futuro. Tento perceber que diante de pequenas vitórias a luta ainda não acabou. Tento não olhar para o passado. Como se a cada dia anterior, diante de minhas anotações espalhadas pela casa, me convidasse a queimá-las, escondê-las de mim mesmo. Nossa! Ontem mesmo eu era tão novo! Como eu escrevia mal. Hoje! Que dificuldade, mais uma nova luta! Ter que reler o que já escrevi. Ter que resignificar! Ter que aprender a sair da “zona de conforto”. Que incapacidade de ver minhas anotações e gostar delas. Que dificuldade de mudá-las. Que enorme trabalho de retirar o que não serve. Que vergonha em me expor mais do que imaginava. Cansado de mim mesmo. Que estágio da vida que já começa a me colocar novamente em cheque diante de tudo que eu acreditava ser artista. Que sentimento e consciência calada de todas minhas dúvidas ainda não conscientizadas, porém sentidas, de tudo que hoje representa a mim ser um ator. Mais peso à minha carga! É preciso mais força. É preciso mais organização. É preciso descobrir como virar noites sem dormir. O que se toma para não dormir. De novo perco para meu computador. Tenho que cochilar! Mas eu ainda não fiz nada! Eu escrevi ainda muito pouco. Condescendência. Ah! Mestre! Que tipo de Cavaleiro sou? De novo, meu senhor! Lutando contra mim mesmo. Em pouco tempo, se tudo der certo,ficarei órfão de mestres. É!Senhoras e senhores, hoje ainda mais difícil! A fase da auto sabotagem. Então os mestres surgem. Nós aprendemos com eles. Nós nos expomos. E depois teremos que caminhar sozinhos? Deveria ter incomodado mais vocês.

De novo. Mais um fim. Voltando a se tornar frágil. Não conseguido perceber seu próprio desenvolvimento. Meu orientador? Será que terei que aprender a me afastar de você também? Virão outros, não é? Quando entrei na faculdade me senti um indivíduo de muita sorte. Tentei aprender muito com cada mestre e colega. Chamam de curso superior. Perto do fim do curso, só me surgem mais conteúdos, Convidando-me a ser mais disciplinado. Sinto que quanto mais nos enchemos e reconhecemos a importância do saber, mais vazios nos sentimos. Falta muito ainda. Ainda tenho muito que aprender. O curso parece tão rápido.

Tem surgido em mim, uma discussão muito forte. Carl Jung diz: “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”. Como escrever é difícil! Que luta é aprendermos a acordar. Este dizer dele é lindo! Mas adoro a sensação de me sentir acordado. Apesar de sentir que sonho muito. Ao mesmo tempo em que brigo comigo mesmo e com como o andar da carruagem foi me levando a este fim, ainda preciso de um pouco mais de tempo para amar este fim. Este meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Querido TCC! Quero dizer que te amo muito. Talvez você seja a primeira experiência na qual me senti sem controle. Não saberia como você ficaria. Teve dias que nem olhei para você. Saibas que estava me esforçando para você se tornar o ideal de um TCC. Quero que saibas que não importa o que os outros digam. És muito importante para mim. Você ainda crescerá mais! Tendo eu me formado ou não. És um pedaço de coisas que li, coisas que me tocaram. Talvez não esteja ainda pronto, mas já é muito significativo para mim. Tenha paciência! Estamos andando devagar justamente para conseguir absorver a maior quantidade de conhecimento possível. Vais crescer ainda mais! Será cada vez mais completo e complexo. Pois você é uma das coisas da minha vida que posso dizer que faz parte do meu sonho! Portanto acordemos um para o outro, de modo a aparar as arestas, de modo a harmonizar as ideias, de modo a vencermos o cansaço, a resistirmos diante dos sentimentos que emergem quando começamos a fraquejar, diante de nós. Que acolhamos nossos defeitos, que resistindo possamos transformá-los em virtudes. E que resistamos ainda mais nas épocas em que novamente nos encontrarmos distantes um do outro. Não é falta de amor. É a tentativa de reformular outras coisas que existem em minha vida, que muitas vezes me impossibilitam de transcrever, de pensar conteúdos que realmente são pertinentes a nós dois.

De maneira singela termino este texto que representa a conclusão deste trabalho, destes anos na faculdade em que fui agraciado com os olhares de professores que dedicaram sua vida na busca do conhecimento e formação de alunos. A partir deste material serei convidado a discutir coisas que me tocaram diante deste grande tempo que tive sendo acolhido, desafiado e ouvido. Agradeço a oportunidade única que tive de viver em Pelotas estudando teatro. Que Deus me dê força para não ver meu aprendizado como um fim, mas que a cada dia eu consiga ver minha vida como um desafio, de modo a propor caminhos a nossos jovens, trazer a eles conhecimento para que os tornem livres, para que assim, através do teatro, se possa cada vez mais mudar o país e o mundo em que vivemos.

Que se tenha força, para vencer as próximas lutas, que hão de vir para cada um de nós! Coragem!

**Referências**

ABRAHÃO, Maria H M B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica.** 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia M. G..Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia,** v. 61, n. 1, 2009. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/119/286>. Acesso em: 03 dez. 2015.

AZEVEDO, Elisa de M.K. **Concepção de Carl Rogers sobre aprendizagem.** Universidade São Judas Tadeu. 2005. Disponível em: <https://elisakerr.wordpress. com/concepcao-de-aprendizagem-de-carl-rogers/>. Acesso em: 10 out. 2015.

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

BRANDÃO, Juliana Mendanha. **A construção do conceito de resiliência em psicologia:** discutindo as origens. Disponível em: *<http://www.scielo.br/pdf/ paideia/v21n49/14.pdf>.* Acesso em: 08 out. 2015.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogias do teatro:** provocação e dialogismo. ​São Paulo: Hucitec, 2006. ­

DO VALE, [Lucia F.](mailto:lucyvale@ig.com.br) **Estética e a questão do Belo nas Inquietações Humanas.** Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>. Acesso em: 10 out. 2015.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971. Prefácio de Peter Brook.

HOSSEIN, Tatiana Spíndola; ABRAHÃO, Maria H M B (orientador). **O Sujeito Singular-Plural** – Narrativas De Vida, Identidade, Docência e Educação Continuada do Professor. 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/ Ciencias\_Humanas/Educacao/70953-TATIANASPINDOLAHOSSEIN.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

JIMENEZ. Marc.  **O que é Estética.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

JÚNIOR, João F. D. **O que é Beleza?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.12

LORETO. Mari; SILVA, Ursula. **Elementos de Estética.** Pelotas: Educat, 1995.

MACKIE, J. L. **A subjetividade dos valores.** 2008. ​Disponível em: <http://criticanarede.com/subjvalores.html>. Acesso em: 26 jun. 2015.

MATOS, GislayneA.; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias:** perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar​. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

NAZAREH, Carlos A. **Trama:** um olhar sobre o teatro infantil ontem e hoje​.Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

OLIVEIRA, Tânia A. De S. **O Processo de Avaliação Em Artes Visuais:** Perspectivas e inovações direcionadas à formação docente. Disponível em: <http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2014/09/T%C3%A2nia-Alves-de-Souza-Oliveira.pdf>. Acesso em 10 out. 2015.

PRADO, Carlos; ROSA, Tayla; WALKER, João. **Relatório De Estágio Supervisionado I** – Ensino Fundamental, Pelotas, 2014.

PRADO, Carlos; WALKER, João. **Relatório De Estágio Supervisionado II** – Ensino Médio, Pelotas, 2015.

ROSADO, Larissa; WALKER, João. **Relatório De Estágio Supervisionado** III – Comunidade (CAPS),Pelotas, 2015.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **A Estética Filosófica.** 2009.Disponível em: <br.geocities.com/.../filosofia\_estetica.htm>. Acesso em 10 out. 2015.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social para principiantes:** estudo da interação humana. Petrópolis: Vozes, 2007.

### ROMAGNOLI, Roberta C. A Cartografia e a Relação Pesquisa e Vida. Psicologia e Sociedade. vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Editora Thomson, 2004.

SILVA, Ursula R. **Elementos de Estética.** Pelotas:Educat, 1995.

SILVEIRA, Fabiane T. da. O Papel do teatro na escola: reflexão acerca de algumas concepções. **UNIrevista.** Vol. 1, nº 2 : (abril 2006). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/132110610/o-papel-do-teatro-na-escola-reflexao>. Acesso em: 03 dez. 2014.

SOUZA, Linete O. de; BERNARDINO, Andreza D. A contação de histórias como estratégia de pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.Educereet Educare. **Revista de Educação**, v. 6, n. 12, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 28 set. 2014.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. 2ªed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro​.** São Paulo: Perspectiva, 2005, 2006, 2010.

SUN TZU. **A arte da guerra.** Tradução de BUENO, André da Silva. São Paulo: Jardim dos livros, 2011.

TEIXEIRA, Inês C. **Arte-Educação:** uma abordagem social**.** 2003. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/8/INES%20COELHO%20TEIXEIRA.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2014.

TELLES, Narciso. Teatro Comunitário: Ensino de Teatro e Cidadania. **Revista Urdimento,** nº 5, 2003. Disponível em: <http://gpceid.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/ 2003/urdimento\_5.pdf#page=66>. Acesso em: 07 dez. 2014.

­

TIERNO, Giuliano (org). **A Arte de Contas Histórias:** Abordagens poética, literária e performática​.São Paulo: Ícone, 2010.

**APÊNDICE**

1. **Reticências...**

É preciso deixar claro aos mal-avisados...

Que sou ator!

Quando atuo falo a verdade...

Verdade?

Quando vivo a mundanidade que meus lucros permitem, que meus serviços sustentam...

Fico fadado a dizer mentiras...

Enfim?

Já não sei quando atuo.

Mas acredito, hoje, que sei onde deveria ficar.

Mentira?

Minha vida particular, tão mundana, tão sem sentido.

Sempre no mesmo ciclo, quase sempre do mesmo jeito.

Rotina?

Tentando dar aval aos textos que recebo e decoro.

Repetir inúmeras vezes a fala daquele personagem...

Cansado?

É cansei...

Não só isso...

Quebrei!

Quebrado.

Que brado!

Tão Bravo!

In-ti-mi-da-do...

Vergonha?

Envergonhado...

Já sem cara, nem coração...

Diariamente trocado pelo ganha-pão.

Sem alma...

Já não tenho nada...

Sem talento nem tempo para querer viver a vida...

Nunca aprendi a dar as falas de minha própria vida...

De mim próprio!

Deem um pouco de mim...

Isso!

Deem um pouco de mim!

Para eu mesmo!

Deixem-me fugir!

Assim!

É... Assim... Fugindo...

Ainda no trabalho de criar meu “personagem” principal!

Que tristeza!

Só consigo criar frases sem sentido, discursos acuados, piadas autodepreciativas

(Há quem diga que este é o verdadeiro humor!)

Discussões com gosto de açúcar.

Descobri, com o tempo, que não sei nem intimidar.

E quando brigo, abro um grande sorriso, para todos verem, que só estava brincando!

... É, sou muito engraçado...!

Sou o da festa! Sou o Engraçado! "Aquele que não leva nada á sério”!

Choroso...?

Não... Espere... Deixe-me explicar!

É que às vezes a “atuação” do outro sobre o meu “ser teatral” só me convida a ter mais dúvidas.

São as famosas discussões: “Palco-Plateia”!

São as pequenas discussões: “Personagem-Personalidade”!

“São as confusas descobertas:” “Palco-Personalidade” e “Plateia-Personagem”!

É a complementaridade sóbria e bêbada daquele que só queria ganhar “uns pila” de um jeito fácil.

É preciso parar de interpretar? Fora atuação...

Quando enfim, começa uma e termina outra?

Quando e como sair da realidade e cair na ficção...

Quando dormir? Para meu outro acordar?

Meu outro?

Você... Faz parte de mim?

Volta então...

Volta meu personagem!

Minha criação...

Descobrirei um jeito de você aproveitar também a sua vida.

Vá à frente, isto, sem ninguém perceber... Se maquie e fale estas coisas!

Quando o espetáculo terminar, vá depressa ao camarim, vista minhas roupas que irei te defender!

Puxa! Ainda bem que somos parecidos...

Fique escondido dentro de mim!

Se perguntarem algo fique calado...

Responderei dizendo que é só uma peça teatral...

Que nada disso é... (é real?)

Agora! Todos os espectadores em suas casas, outros atores ainda no camarim...

Vou em direção à bilheteria e peço meu cachê.

Sento na frente do teatro esperando os outros, conto meu dinheiro, divido por dois, um pra mim e outro pra mim mesmo.

Hoje a noite foi fraca.

Vamos ter que explorar a nós próprios.

E se...

O personagem fosse trágico?

O ator um romântico ou desavisado?

E este que conta migalhas fosse um bêbado?

Talvez devêssemos dividir o cachê por três?

Ah! Meus outros eu!

Preciso parar de interpretar!

Insegurança?

Volta atuação!

“A-tu-a-ção”

Seres misteriosos que vivem dentro de mim!

Onde estão as tuas ações?

...

Onde estão as minhas ações?

Estas só me servem para dizer que estou muito longe, ainda, de ser natural.

Quando, enfim, fui natural?

Ah! Mas é que a arte é tão bonita!

Se eu pudesse viver apenas em cima dos palcos.

Se eu pudesse voltar pra casa e fosse verdadeiro comigo mesmo.

Se os personagens fossem como figurinos, nós os tirávamos e só no outro dia de apresentação voltaríamos a vesti-los!

Mas não é assim! Eles nos perseguem (os personagens).

São forças internas de nossa individualidade, corroendo a alma e a personalidade.

Fazendo-nos, com o tempo, mudar nossa maneira de ver o mundo e comportamento.

Muito cuidado...

Essa “festa” é proibida para os muito jovens.

...

...

...

Silêncio?

Consegui?

Fugi da minha vida de fugas?

Onde estou agora?

Acordado? Escrevendo coisas num computador?

Que isso?

Isto sou eu?

E aquele nosso combinado de plateia, filmes, cachês e meus personagens?

Por favor, me levem pra casa...

Aquela que marcamos no palco como uma espécie de “conceito do teatro” com as fitas adesivas!

Venham hoje onde estou e me levem pra minha casa...

Coloquem-me em cima do Palco!

Sem problema eu não esqueci nenhuma marcação!

Abram as cortinas!

Liguem os canhões e as elipsoidais!

Já posso ver as gelatinas colorindo o palco!

Gelatinas azuis e vermelhas!

Principalmente estas.

Prestem atenção no final desta música.

Prestem muita atenção...

A “vida” já vai começar...

E este...

Quem será que é?

1. Abraham Maslow (1908-1970): psicólogo norte-americano; criou a Teoria de Hierarquia de Necessidades. É considerado o pai espiritual da Psicologia Humanista. [↑](#footnote-ref-1)
2. Disponível em: <https://motivacionalblog.wordpress.com/2014/09/23/teorias-da-motivacao/>. Acesso em: 10 nov. 2015. [↑](#footnote-ref-2)
3. A vivência trazida com o aluno antes de uma experiência teatral. Aquilo que já vem consigo próprio, sua bagagem. O primeiro momento do fazer teatral, antes de mudá-lo, enquanto esperamos a logo mais à frente percebermos uma transformação teatral de seu exercício dramático o levar a uma reflexão pessoal do processo. [↑](#footnote-ref-3)
4. Maresia: brisa marinha, ar de região litorânea que algumas vezes danifica aparelhos eletrônicos na praia. [↑](#footnote-ref-4)